

PREÂMBULO

A RÁPIDA MUTAÇÃO DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS NOS DIAS ATUAIS

Um dos maiores entraves ao desenvolvimento nacional acha-se no ensino. Não só a nível básico e fundamental, abandonados de há muito por nossos governantes, mas igualmente no âmbito superior. Em nosso País, durante séculos, persistindo em parte até os dias de hoje, o sucesso social e profissional esteve ligado ao diploma, que abria as portas do mercado de trabalho – se possível nas tetas do Estado, por força de apadrinhamentos políticos – possibilitando salários elevados, estabilidade profissional, promoções frequentes, aposentadoria integral. Nos períodos colonial e imperial, as famílias ricas enviavam seus filhos para estudarem na Europa, tornando-nos assim um “país de doutores”, a chamada “república de Coimbra”, que ainda detém as rédeas da administração pública, judiciário, o fisco etc.

Os tempos mudaram. Caminhamos hoje para o conhecimento acadêmico online, com redes virtuais de ensino à distância, ao alcance de todos, a um simples toque digital. Aí estão as grandes evoluções nas áreas da genética, agronegócio, drones, engenharia espacial, em todos os setores. Nossas universidades acham-se engessadas em modelos e métodos tradicionais numa era em que muitas profissões desaparecem ao longo de uma década e postos de trabalho caminham para serem exercidos maciçamente por máquinas.

A educação se processa hoje via formação rápida, prática, capacitadora – não só formalmente, mas inclusive a nível das empresas – flexível e adaptável às mudanças e instabilidade de um mercado globalizado, em permanente mutação. Um processo que já chegou ao Brasil desde 1990 e que vem conquistando incessante espaço, de hiperespecialização, com didática dinâmica, agilizada, direcionada às principais necessidades, tendências e requisições do mercado e que exige(m) conhecimentos especializados, diferenciados.

Estamos, enfim, na era da inteligência artificial, da informação, automação, robótica, conectividade, da nanotecnologia, da biodiversidade em que máquinas terão que ter e manter exatidão, precisão, previsibilidade, a partir do comando humano.

Infelizmente, nossas instituições de ensino, mormente as superiores – conhecidas muitas por apatia e desinteresse para com a sociedade – salvo exceções, prosseguem sua marcha lenta, burocrática, defasada, não atendendo as expectativas dos alunos e da sociedade. O mercado, por sua vez, demandando profissionais habilitados, vivenciados, que façam diferença, construtores e transformadores de seu caminho profissional. Profissões liberais tradicionais (medicina, direito, engenharia) eram o sonho de consumo de pais nos anos anteriores, as expectativas, sonhos, anseios, demandas mudaram. A história é outra com suas alternativas, postulações, despontando hoje o empreendedorismo digital e a livre iniciativa empresarial.

Não é de se estranhar, deploravelmente, o considerável número de profissionais de nível superior desempregados (ou subempregados). A competitividade atual exige aprendizado continuado, capacidade de reinvenção, inovação, em um mercado que prioriza profissionais detentores de responsabilidade social, talento diferenciado, ética, criatividade, vontade de aprender e empreender, ficando em segundo plano, a formação superior a toque de caixa ou o mero título acadêmico.

O Continente Perdido

A Geografia atesta: o globo terrestre tem seis continentes. Mas... há quem diga que um sétimo já existiu: "A história da Atlântida surge, pela primeira vez, na obra "Timeu e Crítias", de Platão. Crítias afirma ter ouvido a história de seu avô que a ouvira de Sólon e este, por sua vez, dos egípcios de Saís. No diálogo de Platão – do qual participam Sócrates, Critias, Timeu e Hermócrates - sobre um estado ou república ideal, Critias fala sobre o continente perdido da Atlântida que fora, outrora, um exemplo de civilização bem sucedida, até ser destruído por catástrofes".



página 04

O Ano do Boi

Após meses de um 2020 atípico, o dia 31 de dezembro foi aguardado com ansiedade. Uma sentimento coletivo de que, talvez, virando a folhinha do calendário nossas possibilidades também "virassem". Na China, porém, o Ano Novo veio tradicionalmente mais tarde. E chegou no dia 12 de fevereiro com a insígnia do "Ano do Boi". "Cada signo, segundo a astrologia oriental, é definido pelo ano de nascimento e não pelo mês como é praxe no Ocidente.

Assim, 2021 – governado pelo boi – será sinônimo de trabalho duro, disciplina, dedicação, lealdade e uma avaliação justa da realidade".

Pág. 16

Pessimismo adocece

"Estudos científicos recentes realizados em centros médicos americanos e ingleses apontam que o pensamento negativo repetitivo e o pessimismo crônico têm íntima ligação com a demência, devendo ser considerados fatores de risco para a doença. Tomografias revelam que pessoas que passam grande parte do tempo pensando negativamente têm uma quantidade considerável de proteínas nocivas responsáveis pelo Mal de Alzheimer, que é o tipo mais comum de demência".

Pág. 18

Projeto do Sicoob Credivertentes ganha repercussão

Sustentabilidade é palavra-chave no Cooperativismo. E no Sicoob Credivertentes envolve desde pautas financeiras às ambientais, claro. Não por outro motivo, a instituição lançou em 2019 o projeto Minas + Vertentes, voltado ao resgate de minas d'água, com cerca-mentos, na região. Deu tão certo que chegou ao fim de 2020 com indicação ao Prêmio José Costa, promovido pelo Diário do Comércio e pela Fundação Dom Cabral.

Pág. 20

ADIVINHAS

- 1-Você tira a minha pele. Eu não choro. Você, sim.
- 2-É mais leve que uma pluma, mas nem o homem mais forte do mundo pode segurá-la por mais de um minuto.
- 3-Ocorre uma vez a cada minuto, duas vezes a cada momento, mas jamais a cada quinhões anos.

Resposta: 1- a cebola; 2- a respiração; 3- a letra "m"

Provérbios e Adágios

- Defunto não recusa cova.
- Dinheiro, na mão, escorrega que nem sabão.
- Carro alugado não anda sem ser untado.
- Boi solto lambe-se todo.
- Tanto vai a gata ao toucinho que lá deixa a patinha.



Para refletir

- “Para os bons dias, gratidão.
Para os dias difíceis, fé.
Para os dias de saudade, tempo.
Para todos dias, coragem.”
Chico Xavier
- “Viver é sempre dizer aos outros
que eles são importantes.
Que nós os amamos, porque um dia
eles se vão e ficaremos com a impressão
de que não os amamos o suficiente.”
Chico Xavier

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa

Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist.

Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO

APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA

A COMPRA DE MAIS UMA FAZENDA

Decidira adquirir, aumentar sua coleção de fazendas. Senhor de várias e pujantes propriedades na região, ei-lo de olho, atraído pela fazenda Acauã, posta à venda pela proprietária, respeitável senhora já viúva, que se fazia representar por procurador.

O comprador, conhecido como “o homem da algibeira cheia” – aposentado com prodigiosos vencimentos próprios da elite estatal brasileira, além de maciços investimentos em lavouras, pecuária e obviamente com milhões aplicados no mercado financeiro. Em suma, o empresário mais sólido e respeitado por todas aquelas bandas e sarabandas.

Combinado o preço – coisa de meio milhão de reais, à época e lá se vão uns doze, quinze anos – surge um impasse e dos mais bizarros: o procurador da vendedora, por sinal sobrinho dela e por profissão advogado, exige pagamento em dinheiro vivo, em espécie. Na bufunfa, nota a nota a ser tocada, contada, recontada. Uma estultice, ainda mais em tempos de assaltos, de insegurança total, de quadrilhas agindo à solta, à luz do dia, por todos os quadrantes do País.

Nada demovera o estrambótico procurador. Recusara ele cheque administrativo, depósito em conta corrente, títulos do Tesouro. Negócio, segundo ele, somente com dinheiro físico, vivo, ceder, ali no ato do processamento da escritura. Combina-se, enfim, o dia, horário e local. O comprador, embora estarecido, teve que negociar com uma agência bancária local o pagamento em espécie. Um transtorno de todo tamanho. O gerente bancário viu-se forçado a requisitar altos valores junto à matriz, reforços das agências bancárias próximas, com despesas extras de transporte de numerário em carros forte, seguros dos saldos em caixa, vigilância redobrada, pessoal e sistemas de alarme, um alto custo para a agência. Teve-se que levar o assunto às autoridades policiais e mesmo financeiras, dada a excepcionalidade da situação. Transtornos internos e externos de toda ordem. Fora o dissabor, a indignação, a perplexidade do comprador e da agência bancária.

Circulavam, ademais, intra muros, informações e suspeições de que o procurador poderia estar envolvido ou a serviço de grupos criminosos, daí sua obsessão em “juntar” tanto dinheiro em espécie, em um único local e em horário pré-determinado, um prato cheio para quadrilhas de assaltantes. Boatos... Mas quem sabe...

Dia da escritura, lavrada na própria agência, por exigência ainda do extravagante vendedor. No transcorrer do ritual, em meio ao óbvio mal estar e temores, gerente e funcionários à beira de um ataque de nervos, o volumoso dinheiro – pacotes e mais pacotes com notas de 50, 100 reais – é contado, recontado, conferido e reconferido durante tempos, pelo advogado e procurador, que, ao final, diz fria e autoritariamente ao gerente da agência:

- Tudo certo, conferido. Agora você leve esse dinheiro até à agência B, deposite lá e me traga o recibo.

Bem, para encurtar a conversa, aí é que foi a última gota d’água - caldo engrossou, entornou por todo o fogão, a cozinha inteira e o pau comeu...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



A ERA DO ELEMENTO AR

“O ar é um símbolo sensível da vida invisível, um motor universal purificador” (São Martinho)

Segundo espiritualistas, estamos vivendo, adentrando novos e intrigantes portais - a chamada “era da grande mutação”. A partir de 2020, o elemento AR, símbolo do sopro da vida, rege(rá) a humanidade, provendo o desenvolvimento do conhecimento, da informação, das ideias, da razão, das forças humanas, com menor ou decrescente ênfase quanto às finanças e à materialidade (elemento Terra) Período de transformações, inovações, turbulências em todos os campos e direções. Noções de tempo-espaço serão quebradas com o advento de tecnologias cibernéticas, inteligência artificial, o domínio do mundo virtual, a comunicação global e interdimensional, onde governos, religiões, filosofias serão postos a duras provas, bem como o sistema econômico predador, espoliador. Afinal, as pessoas serão/estarão forçosamente voltadas para o coletivo, o bem estar social, a sustentabilidade ambiental!

A prevalência, doravante, da comunicação da mente, do intelecto, da valorização da sensibilidade, do raciocínio e dos relacionamentos, do intercâmbio de informações, pois trata-se (o AR) de elemento difuso, móvel, penetrante, por vezes incontrolável. Expressão criadora ou manancial da inteligência. O Ar tem o poder instrumental de oxigenar, de transmitir, de agitar, permear, fomentar, energizar, purificar e também intoxicar, poluir e, em sua falta, asfixiar. É o único elemento que age como componente ou código social, pois todos compartilhamos direta e intermitentemente dele, provedor de vida e estimulador das ideias, da cooperação, do pensamento. É o elemento da cultura, das manifestações ideológicas, da potencialização da linguagem, da aprendizagem do ministério, da emanção do mistério, de nos organizarmos, nos associarmos.

É importante, dessa forma, aprimorarmos nossos discursos, considerar que vivemos em um mundo de diversidades, de diferenças, sendo imprescindível o diálogo, o estudo, tolerância, resiliência, maturidade, o exercício da ética e estética, oxigenando nossa resistência, nossa existência. O sistema de competição asselvajada, de predação, de exploração, de exclusão, afinal- enfim - se esgotou! Ou, no mínimo, acha-se em estertores...

Muralhas, tidas como impenetráveis, inexpugnáveis serão derru-

badas, as fronteiras dissolvidas – um cataclismo social. Instituições e sistemas obsoletos, ultrapassados, inúteis para a nossa era serão varridos. Rupturas inesperadas, situações incontroláveis. Tempos de purificação coletiva, de movimento, de mobilidade, dinamismo, mutação, mudança. Ideologismos extremados, racismo, terrorismo, bandidismo, supremacismo, negacionismo, segregacionismo, militarismo tornar-se-ão intoleráveis, inaceitáveis. Uma força vital a tudo orquestra no universo, agindo de forma intrínseca, uniforme, variando, porém, em frequência e intensidade. “A cada um segundo o seu galardão” (Rm 2:6 / Is 3,10-11) Vivemos tempos de fragilidades sistêmicas, sísmicas, culturas e civilizações esgotadas, instabilidades de toda ordem.

Temos forçosamente que resgatar a consciência da coletividade, o sentido de irmandade, dar valor realmente àquilo que é importante. O cuidar da alma! Responsabilidade, maturidade por nossa vida, pela vida do próximo e de todo o planeta, em tudo sagradas. O apego ao mundo das formas deve ser sempre utilizado com parcimônia, equilíbrio, Ou então, ver-nos-emos com cabeça e narizes em terra!

Segundo tradições e culturas milenares, como as encontradas nas escrituras da Índia e China, há uma concepção semelhante quanto aos elementos constitutivos da natureza. Os elementos fogo e ar são considerados ativos (energia yang), enquanto água e terra são passivas (energia yin). De acordo com os gregos, tais concepções/expressões de energia eram denominadas Apolônia (fogo e ar que, ativos, formam a vida consciente) e Dionisia (terra e água que representam as forças ligadas ou manifestativas do inconsciente e do intuitivo)

Cabalistas e astrólogos afirmam que, a cada 20 anos, ocorre uma “grande conjunção planetária”, em especial Júpiter/Saturno, provocando consideráveis mudanças, transformações e instabilidades no roteiro humano-terrestre. O ar alimenta o fogo, anima a água, nutre a terra. Seu excesso (oxigênio) nos embriaga; sua falta nos atordoa, nos desfalece. Conta igualmente aspectos negativos, gerando pessoas ou movimentos volúveis, crédulas, fantasistas, pueris, quando não paranoicas (o chamado “humor sanguíneo”)

O ideal, o recomendável segundo terapeutas é que as pessoas se conectem de forma harmoniosa, equânime com os elementos componentes da natureza, lembrando sempre que a harmonia, a paz principiam dentro de nós.

“O ar é o elemento da liberdade. Os nômades do ar se desprendem das preocupações humanas e encontram paz e liberdade” (Do Seriado “A Lenda de Aang” – 2006).

O MONGE TIBETANO E A PERFEITA PACIÊNCIA

Há cerca de um século, um itinerante iluminado, o iogue tibetano Paltrul Rimpoche, estava viajando, como um mendicante anônimo e vagante, conforme era seu costume. Ouvindo falar de um renomado eremita, que vivia isolado de há muito, em reclusão numa gruta distante, Paltrul Rimpoche resolveu visitá-lo. Entrou sem se anunciar em sua caverna, chegando à meia luz do monge, que observou o visitante com um sorriso sardônico em meio ao rosto vivido e experiente.

- De onde vens? – perguntou o eremita. – E para onde vais?
- Vim de lá, de onde minhas costas apontam e vou para lá, para a direção em que caminho – respondeu Paltrul.

O eremita, desconcertado, prosseguiu:

- E onde nasceste?

- Aqui, na Terra

O eremita começava já a se agitar.

- E qual é o teu nome? – exigiu ele

- Além d’Ação – respondeu o hóspede inesperado. – logue Além d’Ação

Paltrul Rimpoche indagou, então, por que o eremita viera viver numa região tão erma e tão remota do País. Essa era uma pergunta que o eremita estava preparado para responder.

- Estou aqui em meditação há mais de vinte anos. No momento, estou meditando sobre a perfeição da Paciência – explicou, com uma forte pitada de orgulho.

- Essa é boa! – retrucou o anônimo visitante

E, inclinando-se para a frente como se fosse confidenciar algo, Paltrul Rimpoche sussurrou:

- Tu sabes e eu sei que dois farsantes como nós jamais conseguiremos tal coisa!

O eremita levantou-se abruptamente, cheio de raiva:

- Seu saco de mentiras! – explodiu. – Quem tu pensas que és, perturbando assim meu sagrado retiro? O que te fez vir até aqui, afinal? Por que não deixas um humilde praticante como eu meditar em paz?

- Meu caro amigo – respondeu Paltrul Rimpoche, com total brandura – onde está a tua paciência perfeita? Em mais de vinte de anos de meditação o que de fato aprendeste?!

(Da Sabedoria Budista)





ATLÂNTIDA, O CONTINENTE PERDIDO

“Davam (os atlantes) a impressão de ser extremamente belos e felizes, porém impregnados de uma arrogância injuriosa e de poder” (Platão – Critias 121, a/b)

A história da Atlântida surge, pela primeira vez, na obra “Timeu e Critias” de Platão (428-347 a.C). Critias afirma ter ouvido a história de seu avô Critias (homônimo) que a ouvira de Sólon e este, por sua vez, dos egípcios de Saís. No diálogo de Platão – do qual participam Sócrates, Critias, Timeu e Hermócrates – sobre um estado ou república ideal, Critias fala sobre o continente perdido da Atlântida que fora, outrora, um exemplo de civilização bem sucedida, até ser destruído por catástrofes⁽¹⁾.

Segundo o relato de Critias, Sólon, ao visitar o Egito, teria conversado com os sacerdotes de Saís, que lhe informaram sobre a existência, em tempos idos, de uma enorme ilha, além das “Colunas de Hércules” (Gibraltar) maior que a Líbia e a Ásia juntas” “E os viajores daquele tempo podiam passar desta ilha para outras, destas alcançando todo o continente na margem oposta daquele mar que, verdadeiramente, merecia seu nome (...) Nesta ilha Atlântida, os reis formaram um grande e magnífico império. Este império dominava toda a ilha assim como muitas outras ilhas e porções do continente” (Platão – “Timeu e as críticas e a Atlântida” São Paulo, Hemus, 2002, p. 74).

O tema “Atlântida” aparece nas mais variadas épocas, com localizações geográficas dispare e a partir de interesses interpretativos, ideológicos, mesmo políticos e religiosos. Pensadores como Fernando Sampaio consideram que esta fábula tem sentido político, uma exaltação por parte de Platão para justificar o declínio ateniense ante outros povos, inclusive o egípcio. Segundo o historiador Pierre Vidal Naquet, o mito platônico – o continente perdido da Atlântida – é apenas um artifício para mascarar a decadência e queda de Atenas ante seus inimigos, quando da guerra de Peloponeso (“Atlântida - Pequena história de um mito platônico” São Paulo, Unesp, 2008, p. 119).

No século VI de nossa era, o tema ressurgiria, com destaque, com Cosmas Indicopleutes, monge cristão de Alexandria, identificando o

continente desaparecido com o Éden (paraíso bíblico) e a hipótese ou crença de que ele ainda existia em algum lugar no Mar Tenebroso (Atlântico) ou além dele. Com as grandes navegações, a descoberta da América, o imaginário que a envolvia, recrudesceria o mito platônico - por toda a parte e ao longo dos séculos - até os nossos dias. Expedições de aventureiros lançar-se-iam, desde então, aos mares encapelados e sertões inóspitos à procura de eldorados e reinos afortunados ou edênicos, sequer escapando cientistas e naturalistas.

O tema “Atlântida” acha-se ligado a tantas outras tradições da queda humana, a partir de um estado original, edênico, passando por decadência até o surgimento de um ser especial, civilizador, reabrindo as portas da esperança, da redenção ou ainda de um Estado perfeito, utópico. Assim o mito de uma sociedade ideal aparece, principalmente na Renascença e pré-iluminismo (séculos XVI e XVII), em várias obras como “Utopia” de Thomas Morus, “Nova Atlântida” de Francis Bacon, “A cidade do sol” de Tomazo Campanella.

Em 1572, Pedro Sarmiento de Gamboa em sua “Historia Geral chamada Índias” informava a Felipe II que a Atlântida (América) era outra vizinha da Europa e que, dessa forma, o continente americano lhe pertencia (ao rei espanhol) por “direito divino” Escritores nacionalistas e eugenistas fantasiosos como o sueco Olof Rudbeck afirmara, ao final do século XVIII, que a Atlântida ficava na Escandinávia, ali se originando todas as raças euroasiáticas. O italiano Gian Rinaldo Carli, por sua vez, afirmou que a Atlântida unia, antigamente, o Mediterrâneo à América e que a civilização veio aos homens através dos italianos. Autores nazistas como Karl Georg Zschaetzsch (livro “L’Atlantide patrie primitive des Aryens” – 1922) e Albert Herrman (livro “Unsere Ahren und Atlantis” – 1934) eram adeptos de que a raça germânica descendia dos antigos atlantes, tese amplamente assimilada pelo sanguinário e monstruoso regime nazista.

Em 1812, o poeta francês Nepomuceno Lemercier, membro da Academia Francesa, publica o poema narrativo “L’Atlantide ou la Theogonie Newtonienne”, dividido em 6 cantos, onde narra a trágica invasão do continente atlante por inundações colossais e sua submersão, tendo como personagem Zoófilo, médico e amante de Bione, que salva tudo quanto pôde e guiando um grupo de sobreviventes, aporta nas costas da América, convivendo com as tribos indígenas ali existentes. Na obra (poema) “Syphillis sive morbus gallicus” (“A sífilis ou o mal francês”) o autor e médico italiano Jérôme Fracastor projeta a chegada dos sobreviventes da Atlântida às Américas, onde encontram espaço para miscigenação com nativos. Neste poema, Fracastor atribui a submersão da Atlântida – a partir dos relatos dos sobreviventes – ao fato destes não terem homenageado e honrado os deuses, os quais, como castigo, não só submergiram o continente, mas também propagando a sífilis. Fracastor afirma que a doença em questão podia ser vencida pelas virtudes curativas da planta americana, o guaiaco.

Em um mapa-mundi de 1669 do holandês Athanasius Kircher, a Atlântida aparece situada no meio do Oceano Atlântico.

1882 – Ignatius Donnelly, político americano de renome, lança o livro “Atlântida, o mundo antediluviano” no qual sustentava que todas as antigas civilizações se originaram do continente submerso.

Registre-se ainda o poema sinfônico “Atlântida”, autoria do consagrado compositor Manuel de Falla (1876-1946).

TEMA TAMBÉM PRESENTE EM AUTORES BRASILEIROS – O tema “Atlântida” acha-se igualmente presente em escritores brasileiros e mesmo viajantes estrangeiros que percorreram nosso País. Em 1931, Gustavo Barroso publica “Aquém da Atlântida” onde expõe farta bibliografia sobre o tema. Além dos textos de Platão, Gustavo Barroso apresenta fragmentos de outros autores da Antiguidade como Homero, Heródoto, Marcellos, Deodoro Lículo, Teopompo, Eliano, Amiano Marcellino com observações e menções, ainda que de passagem, sobre a existência do continente perdido⁽²⁾

No século XIX, os naturalistas Spix e Martius, ao deixar o conti-

nente europeu rumo ao Brasil, escreveram: “... a lenda da afortunada Atlântida que nós esperávamos encontrar, de novo, na fértil América, tão rica de maravilhas da natureza; o pensamento da despedida que fazíamos à Europa altamente culta e espiritual tudo concorria para tornar inolvidável aquele momento de nossa vida” (K.M.Lisboa – “A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil 1817-1820” Hucitec/Fapesp, 1997, p. 76)

Na década de 1930, inúmeros pensadores pátrios deram ênfase ao nacionalismo crítico e à miscigenação, dentre estes Gilberto Freyre (“Casa Grande & Senzala” – 1933) e Sérgio Buarque de Holanda (“Raízes do Brasil” – 1936) surgindo uma visão nova e construtiva sobre a colonização brasileira, onde o índio e o negro adquirem vigor, impacto e potencialidade no processo de mestiçagem e na autêntica consciência nativista e cidadã, em contraposição à nação fascistóide “inventada” pela ditadura Vargas. O antropólogo Darcy Ribeiro ampliaria a tese de fortalecimento do índio na formação e consubstanciação de nossa nacionalidade⁽³⁾.

O que era, enfim, o conceito de miscigenação no pensamento da época? Um contraponto às teorias racistas que reinavam, até então, de que a mestiçagem era uma degeneração racial. O mito da Atlântida envolve, segundo muitos, que os seus sobreviventes se miscigenaram com nativos de outras regiões, inclusive ameríndios como os tamoios e incas. Autores brasileiros como Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Monteiro Lobato⁽⁴⁾ deixaram aflorar em suas colocações literárias, o conceito de que a mestiçagem seria um dos fatores da debilidade de nossa nação. Uma quimera, na verdade, a nossa “autenticidade” ou “seletividade” cultural, conceito que embalou, muitas vezes, o nacionalismo literário e políticos desvairados e que teria, seu grande contraponto, na “Semana Modernista de 1922”

Escritores conceituados como Raul Pompeia e, em especial, Dario Vellozo, de igual forma, abordam o tema “Atlântida” em suas obras⁽⁵⁾ Ainda Amílcar Quintella Júnior (“Atlântida – poema épico”), Vinícius de Moraes (“Que imensa és tu / maior do que o mar, maior que a infância / de coordenadas tais e horizontes tão grandes / que assim imersa em amor és uma Atlântida!” – poema “O mergulhador” 1959).

NOTAS

(1) Segundo a mitologia, assim como Ateneia concebeu Atenas, Poseidon concebeu a ilha de Atlântida, fecundando, para tanto, uma mortal. Clito, que era filha de Evenor e Leucipa, os primeiros moradores da ilha. Clito concebeu cinco pares de gêmeos, todos homens: Atlas, Gadir, Anferes, Evemon, Mneseias, Autóctone, Elazipo, Mestor, Azaés e Diapreres, que, com seus descendentes, habitaram a ilha por muitas gerações.

Com a diminuição do elemento divino e o predomínio do caráter humano, fruto do repetido cruzamento com elementos mortais, Zeus, vendo a degeneração de um povo tão valoroso, imputou drástica pena aos atlantes, afundando o continente e aniquilando a maioria de sua exuberante população.

Imensas (eram) as riquezas do continente, segundo Platão: ouro abundante, animais selvagens e domesticados, rios, lagos, flores, frutos, especiarias, essências aromáticas, alimentos, bebidas, perfumes, às quais acresciam-se as riquezas artificiais – portos, palácios, templos, esquadras etc. minuciosamente descritas pelo grande filósofo grego. Uma vida formidável ao longo das gerações “enquanto dominou neles a natureza de Deus” (“Timeu”, op. cit. p. 214)

(2) Segundo o autor grego Diodoro da Sicília, os atlantes eram vizinhos dos líbios, sendo destruídos por guerreiras amazonas. A Atlântida (“ilha de Atlas” em grego) afundou no oceano “em um único dia e noite de infortúnio” após tentativa frustrada de atacar os atenienses, na aceção platônica.

(3) Curiosamente, em vários autores latinoamericanos do século XIX sobressai-se um projeto continental, de interdependência e interação dos povos da América Latina. Uma tendência à espiritualidade, à cosmidade e multiracialidade, a eclosão da latinidade, uma resposta das Américas ao colonizador, uma quase missão transfiguradora. O que o escritor cubano Lezama Lima denominou “contraconquista” (1950) e Oswald de Andrade conceituou como “antropofagismo”.

Em 1923, o escritor mexicano José Vasconcellos publicou a obra “La raza cósmica – missão de la raza iberoamericana” celebrando a mistura dos povos e das raças da América Latina, incluindo futuro brilhante para o Brasil, projetando uma nova realidade e um futuro auspicioso para todo o continente. Pensadores como José Martí (“Nuestra América”), José Enrique Rodó (“Ariel”) são outros adeptos da latinidade no Novo Mundo.

(4) Monteiro Lobato que criara o célebre personagem Jeca Tatu, estereótipo do caipira brasileiro, ignorante, maltrapilho, enfermiço, indolente, renegaria mais tarde sua tese ou conceitos pejorativos, elitistas e senhoriais com que se voltara originalmente contra o nosso sertanejo. Tema ainda hoje atualíssimo, inquietante, onde o homem comum do meio rural ou suburbano é discriminado, afrontado. O País prossegue dominado, a

ferro e fogo, pelas elites mercenárias, parasitárias e impatrióticas.

(5) O poema “Atlântida” (1938) de Dario Vellozo, poeta simbolista, é uma espécie de epopeia tropical, a merecer maior atenção nacional, na qual descreve a fuga de três habitantes da Atlântida, prontos a submergir: são o mago Aztlan, Runa e Sumakê, seus discípulos, que, após peripécias épicas, chegam ao reino de Paititi (Brasil) onde são acolhidos por índios tamoios. O autor desenvolve uma cosmogonia, envolvendo historicamente a Atlântida, Egito, Druídas, civilizações pré-colombianas, encerrando sua equação no binômio Atlântida-Brasil.

Trata-se de um poema longo (300 páginas) estrutura ideogramática nos moldes dos “Cantos” de Ezra Pound, versos livres entremeados com outros de métrica regular. O poema explora uma forte dimensão visual, semiótica, com espaçamentos expressivos, icônicos, vocábulos soltos, explosões ocasionais em ideogramas. Surpreendente pelo seu preciosismo, experimentação linguística e o percurso narrativo como no trecho:

“O baixel arfa e oscila aos ósculos da onda...

O timoneiro sonda
Os cachopos e alfaques
Que o mar envolve, afoga,
Cobre

Descobre
E coroa de espuma...

Destaques
De negras penedias,
Envoltas em asas brancas de gaiotas,
No estridulo grito das agonias
De almas em pena, almas ignotas.

Asas de bruma
De procelárias,
Em atitudes várias,
De quem roga:
Asas espalmas,
Flutuantes,
Do pélagos das criptas,
Soturnas almas,
Contritas,
De penitentes naufragos errantes...

(Dario Vellozo – Poema “Atlântida” pp. 135-136)

Sobre o tema “Atlântida” ver matérias em nosso boletim nº CXXXIX-abril/2019



A FIGURA DE PE JOSÉ MANOEL DA ROSA RIBEIRO (1740-1826) ENVOLTA EM LENDAS E NO IMAGINÁRIO POPULAR REGIONAL

“A história é êmula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro” (Cervantes)

Proprietário da Fazenda das Gamelas, nas proximidades do antigo arraial, hoje cidade de São Tiago, vivendo à época do Brasil Colônia, em meio às agruras e convulsões da Inconfidência Mineira, a figura de Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro (1740-1826) firmou-se como um mito, no mínimo ambivalente (pastor/minerador) no imaginário popular, vão-se lá dois séculos, por onde desfilam as mais rocambolescas histórias, em que o mítico sobrepõe-se ao religioso, o profano confrontando-se ao sagrado. O lendário, como sabemos, faz parte da herança e do patrimônio cultural dos povos, que criam e encenam seus mitos, seus dramas, suas sagas, compondo a memória cultural, entremeio ao cenário da evolução identitária coletiva. Investigações sobre as fronteiras entre a verdade histórica e o mito constituem, aliás, um terreno fecundo, instigante⁽¹⁾

O mineiro, por sua vez, adquiriu a fama de contador de causos, histórias por vezes fantasiosas, fantásticas, amedrontadoras. E que encantam! E que nos capturam a atenção! Passadas de geração a geração, ei-las narradas, reatualizadas, com vozes, sotaque, entonação, ritmos, expressões inconfundíveis tipicamente interioranas, eivadas de sutil filosofia, quando não a mais refinada ironia. É sempre a marca informal da fala, do vocabulário, a repetição de termos, a priorização do tempo passado, que são características importantes da oralidade e assim são preservadas, gerando suspense, magia, climax!

História e ficção se mesclam, enriquecidas pela engenhosa oralidade popular - no caso em tela, tendo, como fundo, a vida icônica de Pe. José Manoel. Seus feitos, reais ou ficcionais, contados e decantados pelas ruas, nas rodas à beira da fogueira, em bares, sob luars, viajam com o tempo, sofrendo alterações, quando de seus repasses e transmissões orais, de geração a geração. Narrativas de ordem coletiva, fundamentadas ou subjetivas, que preenchem sobejamente a memória cultural e mítica local, retratando a realidade humana, social, econômica - e porque não - mítica, imagística de uma época historicamente peculiar (século XVIII) em nosso meio.⁽²⁾

Os enredos, que envolvem a figura de Pe. José Manoel, denotam, sem dúvida, um fiel sentido de cor local-regional (cenário, personagens, topografia etc.), embora desviantes, ao que parece, em seu contexto de fidedignidade em relação à vida pessoal, eclesial e social. Tal deturpação ou mimesis é, ao que parece, uma rejeição ao tipo ou modelo consensual, uma crítica implacável à obsessão pela riqueza, opção, então, de muitos sacerdotes em suas atividades majoritariamente profanas. E que pagam caro, em termos de memória, por esta decisão de “via larga”...

Pe. José Manuel preenche, simultaneamente, o substrato religioso quanto o operativo-economicista⁽³⁾, algo muito peculiar aos sacerdotes coloniais, dedicados precipuamente às suas atividades comerciais, extrativistas e agrárias: mineradores, fazendeiros, escravistas, comerciantes... E permanecendo, em segundo plano, o itinerário religioso! Sua personalidade, inequivocamente, transcende o tempo, cuja aura fabulosa se multiplica, recrudescer, serpenteia - qual a luz-do-campo ou mãe do ouro, quiçá seu nume espiritual que, dizem, desloca-se intermitente, insanamente por suas antigas terras, arrabaldes da antiga paragem do Rio do Peixe. Suas peripécias, entranhadas no subconsciente coletivo, firmam convicções imaginárias, deturpadas, histórica e documentalmente contestadas. Rótulos que encobrem, recobrem o conteúdo! “Quando a lenda se torna realida-



Ilustração/recriação histórica - Ana Luiza Andrade.

de, publica-se a lenda” nos diz conhecido aforisma literário. Simbolismos, enfim, que passaram a compor a realidade em substituição àquilo que é, mas que deixou de ser!⁽⁴⁾

“Cada povo representa seus heróis históricos ou lendários de determinada maneira variável, segundo os tempos; essas representações são conceituais. Enfim, cada um de nós tem determinada noção de indivíduos com os quais está em contato, do seu caráter, da sua fisionomia, dos traços distintos do seu temperamento físico e moral: essas noções são verdadeiros conceitos” (Emile Durkheim “As formas elementares da vida religiosa” 1912, p. 511)

NOTAS

(1) Edgar Morin (1921-....), reconhecido filósofo francês da atualidade, trata desse tema em suas obras, vivendo nós atmosferas ambivalentes, coexistentes, passado/presente, onde o chamado “mito do progresso” não é um fim em si mesmo. Espaços diegéticos, simbólicos, imaginários ligados ao passado acabam por se perpetuar, até mesmo sobrepondo-se à realidade, transformando paisagens e sociabilidades, interagindo aspectos historiográficos, sociológicos, literários - assim identidades são remodeladas, amplificadas, mitificadas...

(2) Muitos dos relatos e peripécias orais sobre Pe. José Manoel confundem-se, a nosso ver, com a figura de Pe. Carlos Corrêa de Toledo e Melo (1731-1803), vigário de São José Del-Rei, um dos mais celebrizados inconfidentes, também proprietário minerador em São Tiago (Fazenda Monte Alegre), circunvizinha à Fazenda das Gamelas, propriedade de Pe. José Manoel.

A fértil, senão espantosa oralidade nos informa que Pe. José Manoel produzia peças em ouro maciço como cachos de banana e de uva, além de ferraduras, cravos, pregos, gamelas, tachos em miniatura etc. E que teria ocultado/enterrado estes e outros tantos tesouros em pontos de sua propriedade, motivo, por séculos, de buscas por aventureiros, curiosos, desocupados, paranoicos; que todas as tentativas, até hoje se mostraram infrutíferas, inúteis e malsucedidas, pois forças estranhas e sobrenaturais atrapalhavam - e ainda obstaculizam - tais buscas (luzes intermitentes, bólides de fogo, ventanias súbitas); que ali permanece em companhia de escravos, vigiando ferreamente os tesouros ocultados. Vários escritores locais tratam do intrigante tema.

Afirma ainda a tradição oral: que Pe. José Manoel teria sido preso pela Coroa, condenado por sonegação e descaminho de ouro, levado sob ferros a Portugal onde viria a falecer (o que ocorreria, em termos, com Pe. Carlos Toledo, porém por seu envolvimento na Inconfidência Mineira) Um estereótipo dos sacerdotes da época dedicados a atividades comerciais, financeiras e afins, nem sempre lícitas! E duramente criticados por viajantes estrangeiros, a exemplo de Saint-Hilaire, que passou por nossa região em março de 1819. Homens que se dedicavam a tudo, menos ao ministério espiritual...

Sabemos, com toda precisão, que Pe. José Manoel faleceu em sua Fazenda das Gamelas em setembro de 1826, enquanto Pe. Toledo, na condição de inconfidente, foi preso, condenado em 1792 ao degredo, cumprindo pena inicialmente na Fortaleza de São Julião, vindo a falecer em um convento-presídio de Lisboa, capital de Portugal no ano de 1803.

Sobre Pe. Carlos Toledo, ver matérias em nosso boletim nºs CII, março/2016, nº CXV abril/2017

Encontram-se, ademais, menção a eventuais atos de Pe. José Ma-

noel – “casos amorosos” – que, ao que se deduz, foram de autoria de outro sacerdote Pe. Dâmaso Pinto de Almeida Lara (1802-1879), ordenado aos 24-05-1825 em Mariana, envolvido em relacionamentos libidinosos, como tantos outros sacerdotes de antanho, deixando geração. Pe. Dâmaso, natural de Resende Costa, foi homem riquíssimo, proprietário da fazenda “Cachoeira do Corisco” em Salvaterra (hoje Jacarandira), além de propriedades em Passa Tempo, Resende Costa, Morro do Ferro... À época dessas “artes” (meados/fins do século XIX), atribuídas por alguns a Pe. José Manoel, este era já, de há muito, falecido (1826), nada existindo, nesse sentido, documentalmente, que comprometa a reputação ilibada e exemplar de Pe. José Manoel.

(3) Uma versão da oralidade nos fala do zeloso capelão que, deslocava-se de sua fazenda, acerca de 4 km do arraial, para a celebração de missas e demais ofícios litúrgicos no povoado, que atendia com toda presteza os fiéis, legando uma imagem de dedicado conselheiro

O QUE SABEMOS DOCUMENTALMENTE DE PE. JOSÉ MANOEL DA ROSA RIBEIRO

Seu pai, José Ribeiro de Carvalho, era português, nascido aos 05-11-1694, natural da freguesia de Chão de Marão, comarca de Vila Real, arcebispado de Braga

Sua mãe, Ignácia Caetana de Souza, era pernambucana, natural da freguesia de Corpo Santo, Olinda, arcebispado de Pernambuco. Casaram-se em 1739 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) (Fonte: Projeto Compartilhar – José da Costa Fialho)

Filhos do casal José Ribeiro de Carvalho/Ignácia Caetana de Souza:

I. Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro, primogênito, batizado aos 31-05-1740 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu); **II.** Maria, batizada aos 27-05-1743 na capela de São Gonçalo do Brumado; **III.** Antonio, batizado aos 21-01-1746; **IV.** Joaquim, batizado aos 04-10-1747; **V.** Inácia, batizada aos 17-01-1751; **VI.** Francisco Xavier da Costa Ribeiro c/c Josefa Maria da Conceição; **VII.** Esméria Clara de Santa Rosa, batizada aos 16-06-1758, c/c Lourenço Ribeiro de Brito.

Avós paternos: Pedro João (vulgo “Cortes”), natural da freguesia de Campanha, Concelho do Monte; e D^a Maria Coelho, natural da freguesia de São Salvador de Ludrei, Comarca de Vila Real, arcebispado de Braga

Avós maternos: José da Costa Fialho, natural da freguesia de São Nicolau, patriarcado de Lisboa; e D^a Maria de Souza Delgado, natural de Olinda, bispado de Pernambuco (Fonte: De Genere Vita et Moribus)

José da Costa Fialho e D. Maria de Souza Delgado eram os pais

e confessor. Por outro lado, a imagem mais contundente do fazendeiro-minerador que extraía ouro de suas minas e lavras, sonegador, que colocava escravos em pontos estratégicos de sua propriedade, como no local “Morro da Vigia”, na entrada do Rio do Peixe, no intuito de observar a chegada de fiscais e esbirros da Coroa

Há informações de que Pe. José Manoel era exímio cavaleiro, assim deslocando-se pela região, mantendo contatos comerciais e sociais com outros mineradores ao longo do rio das Mortes, dentre eles Pe. Francisco Xavier de Moura (+ 1808), Pe. Francisco Ferreira da Silva (1772-1843), célebres proprietários da fazenda do Tanque em Conceição da Barra.

Mantinha ainda tropas de muares para comércio de mercadorias.

(4) “O importante não é o fato, mas a versão” conceito atribuído ao ex-governador Benedito Valadares; segundo outros, a máxima seria de autoria de José Maria Alckim, outro folclórico político mineiro

do Pe. Francisco Xavier da Costa Fialho, religioso da Ordem de São Pedro, que, em nome e por determinação da Diocese de Mariana procedeu a demarcação do local de construção da capela de São Tiago Maior e Santana e sua benção (1761)

Em seu “De Genere Vita et Moribus” (1761) o Pe. José Manoel declarou ser “morador na Comarca do Rio das Mortes” e “senhor e possuidor de uma sesmaria...na Paragem de Santo Antonio do Rio do Peixe (São Tiago e adjacências) avaliada em sua totalidade em 1:050\$000 (benfeitorias + escravos) (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – Proc. n° 1239, armário 07)

A carta de sesmaria (Fazenda das Gamelas) foi outorgada pela Coroa Portuguesa a José Manoel da Rosa (então com sete anos) aos 13-04-1747

Fez seu testamento aos 08-07-1820, redigido e firmado na Fazenda das Gamelas, que se encontra arquivado no IPHAN/SJDR, Cx. 122. Testamento aberto aos 11-09-1826 pelo Pe. José Mendes dos Santos, capelão de São Tiago. Seu inventário perdurou de 1826 a 1848 (igualmente arquivado no IPHAN/SJDR Cx. 34-214, ano 1826)

Pe. José Manoel, na acepção do inventariante, seu sobrinho José Marçal, faleceu virtualmente pobre, pois alforriara seus escravos em 1820.

Segundo Augusto das Chagas Viegas, Pe. José Manoel esteve à frente da capelanía de São Tiago entre o final de 1779 até julho de 1791 e ainda, sob licença, em anos posteriores – 1805, 1807, 1810, 1813, 1816 – quando “prestou assistência aos fiéis desta circunscrição” (“Notícia Histórica do Município de São Tiago” pp. 13/14)

Sobre o célebre Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro ver matérias em nosso boletim n° XIV – Nov/2008 e CXXVII – abril/2018.

MIMESE

A mimese de uma ação é, em si, o mito, a fábula, mesmo a paródia. A reprodução de ações, a que se agregam tessituras de intrigas (gr. muthos) que levam à tragédia. Segundo Aristóteles, a mimese explica uma função de ruptura, por não ser uma simples cópia do real, mas também de ligação, de transposição do campo prático. A memese é, em síntese, uma geradora, uma mediadora ou compositora de fatos, porque faz com que uma pluralidade de episódios funda-se, nuclea-se em uma mesma história; os enredos ultrapassam a mera sucessão temporal, ganhando sentido configurativo com a miscigenação de elementos heterogêneos (personagens ou agentes, intenções, meios, circunstâncias, fins) Ressalte-se, ademais, a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte com as suas mais variadas conceituações, percepções, interpretações. Todo texto traz a marca (traço tematizador) daquele que o criou ou o refletiu a partir da realidade ficcional. A dicotomia entre real e irreal, entre realidade e não realidade. Ou como se diz: tudo é narrativa!

Uma emulação, uma recriação pelo escritor, leitor ou ouvinte,

um novo olhar, a partir de uma experiência única. “A mimese, ao contrário da falsa tradução imitation não é produto de semelhança, mas produção de diferença. Diferença, contudo, que se impõe a partir de um horizonte de semelhança” (Luiz Costa Lima – “Sociedade e Discurso Funcional” RJ, Ed. Guanabara, 1986, p. 361) “Todo fenômeno é recebido pelo agente conforme um conjunto de expectativas apreendido a partir da cultura a que o agente pertence” (Lima, op.cit p.68 e 361)

Segundo Adorno, nossa relação com o objeto é figurativa, portanto, não identitária do sujeito. “O sujeito afetado, atingido pelo objeto, em toque recíproco, não produz feridas” “A dimensão temporal não consiste em linearidade, mas em contiguidade ou seja não num depois do outro, mas um ao lado do outro” (Estética”, Ed. Martins Fontes, 1982, p. 86) A descontinuidade pode gerar condensações ou seja, um segundo ou mais instantes, antes separadas, que se juntam para formar uma nova intensidade ou mesmo a eclosão de um verdadeiro “outro”. Associações configurativas que aproximam verdade e magia, estesia e regressão – o arrepiado do homem perante a história (Walter Benjamin – Obras Completas vol. 1, Brasiliense)

ASSIM SE REPORTAM ESCRITORES LOCAIS SOBRE A FIGURA DE PE. JOSÉ MANUEL DA ROSA RIBEIRO

• “Segundo a lenda, a região das Gamelas é um dos lugares a que mais se faz referência do início da povoação do município de São Tiago. Na localidade, existe uma caverna em cuja entrada, no orifício de uma beta, foram escondidos um cacho de bananas de ouro, uma gamela e um prego do mesmo metal, extraídos na região por mineradores do século XVIII. O dono dessa feita era o opulento minerador Padre José Manuel da Rosa Ribeiro...”

“Falavam (os moradores mais antigos) que num lugar bem próximo de onde existe a atual casa velha, fora construída uma ermida. Por ali (...) Padre José Manuel passava e celebrava as missas junto às pessoas da região (...) A região tornou-se próspera no garimpo do ouro. Numa fração maior do metal que garimpavam, em pouco tempo, o sacerdote mandou fazer dois pregos grandes e um tacho de ouro. Já desconfiado do desvio de ouro nas minas, o Rei mandou que seus subalternos visitassem os locais de garimpo. O sacerdote, temendo ser descoberto, enterrou os objetos perto da ermida e mandou plantar mudas de carvalho por cima. Com isso,



ninguém desconfiaria.

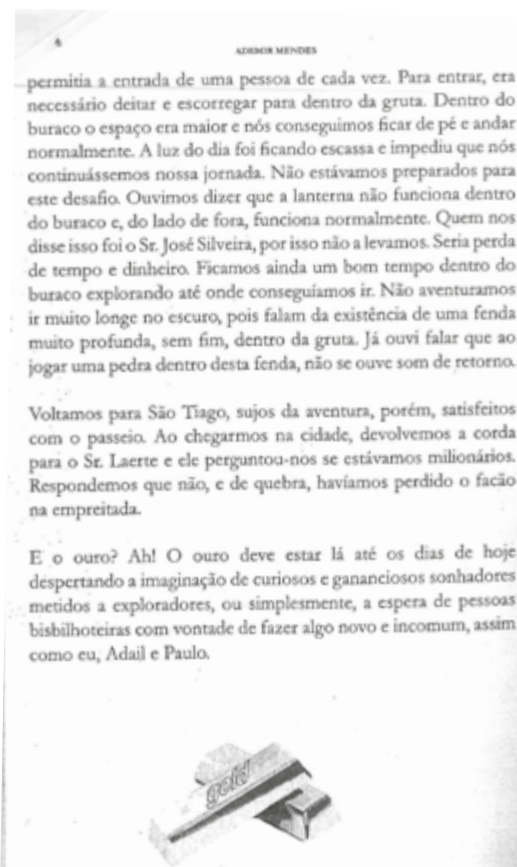
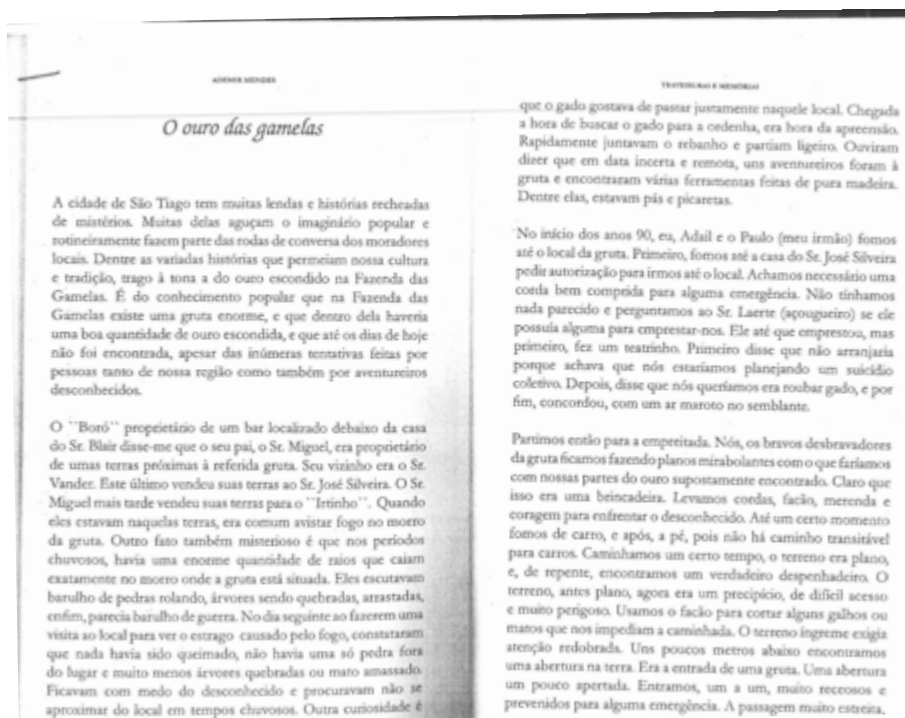
Mas os planos foram por água abaixo. O sacerdote foi denunciado sobre seus intentos nas Gamelas. A cavalaria quando chegou (...) levaram-no da região diretamente para Portugal. Lá ficou preso por muitos anos e faleceu (...) O dilema dos objetos de ouro ficou guardado na mente de várias gerações...”

(Marcus Antonio Santiago – “Casos que o povo conta” JF, Ed. Garcia, 2015, pp. 7 a/9)

- Texto do José Ademir Mendes de Almeida
- Texto de Raquel Romeiro Silva

O OURO DAS GAMELAS

Trechos do Livro “Travessuras e Memórias” de José Ademir Mendes de Almeida





Trechos do livro
"Antes que me esqueça..." de Raquel
Romeiro Silva

36

pelos fantasmas, que não encontravam descanso, querendo que alguém os libertasse, ou só mesmo para atazanar a vida de seus moradores.

Nós tínhamos um tio que adorava contar histórias. Era o Tio Bosco. Ele as contava com a segurança de um adulto, e a crença de um menino. Deixava-nos hipnotizados, ouvindo seus "causos", com um medo ardendo mais que o braseiro do fogão. Nós nos agarrávamos à coragem e desprezo ao medo que ele demonstrava, e passávamos horas mergulhados naquela atmosfera sobrenatural, ouvindo suas histórias... Ele dizia que já tinha visto coisa "pra fazer cabra tremer como vara verde" (e nesse ponto, sempre chamava algum outro irmão para confirmar...). Nós nunca víamos, mas tremíamos sim! Vou contar uma que ele nos contou, numa daquelas noites que nunca esqueci:

— "Essa história foi verdadeira, e foi contada pelo nosso bisavô, tetravô d'ocês, quando aqui ainda era passagem de tropeiros que vinham de São João Del-Rey, ou iam pra bandas de lá, até Tiradentes, comercializando e explorando as betas de ouro e prata da região, que como sabem, estão bem debaixo da terra. Numa dessas vezes, uma tropa estava vindo de São João com um carregamento muito especial, fugindo da rota tradicional, que estava sendo vigiada pelo fisco do ouro, pois nossas riquezas eram exploradas e dadas como pagamento de impostos à família real e para mandar tudo pra fora do país... Aí, esse carregamento "muito especial" veio parar aqui, pras bandas de São Tiago, que não passava de um minúsculo povoado de sitiantes e alguns fazendeiros, que comercializavam artigos de primeira necessidade no armazém, e rezava na pequena capela do Rosário, aos domingos. Assim, já existindo esse pequeno povoado, o caminho era bom, mas desconhecido pelas autoridades que vigiavam a rota São João – Tiradentes – Ouro Preto. Por isso, eles passaram a usar esse caminho como

38

Quando a primeira comitiva, que era a tropa do padre, reconheceu a turma do vovô Tônico, em vez de continuar fugindo, viraram junto com eles e foram todos na direção dos que estavam atrás deles, com boi, berrante, muito grito e poeira. Assim, os perseguidores acharam que eram muitos, bateram em retirada, voltando pra trás e desistindo daquela perseguição. Quando eles viram que a distância já era boa, o Vó Tônico mandou os empregados irem guiando o gado de volta, e seguiu com a comitiva do padre para ver se o encontravam e dar a notícia de como acabou a perseguição...

Quando chegaram lá perto da fazenda das Gamelas, iam passando sem ter idéia de onde estava o padre, pois bem que ele podia estar escondido em qualquer moita ao longo do caminho... e só o acharam mesmo, porque ele apareceu correndo na frente deles, a pé. Viram que ele estava bem, embora continuasse com cara de ter visto fantasma. Contaram o acontecido para acalmar o assustado padre, e aí o Vó Tônico perguntou: — "onde vós mecê deixou seu cavalo com os bernal que trazia no lombo dele,? Perdeu ?? "

— Não, Sô Tônico Ribeiro, eu escondi. E foi um outro milagre o jeito que a coisa aconteceu... Essas terras aqui são mesmo santas, haja visto o primeiro milagre de São Tiago com a história do carro-de-boi, num é mesmo? Agora, outro! Enquanto eu corria e rezava pra salvar o carregamento da Igreja, sem saber onde esconder, eis que surge na minha frente, uma bola de fogo, que foi me guiando até uma gruta por aqueles lados dali (e apontou para a direção das Gamelas). No desespero, fui seguindo aquela bola que voava. Meu cavalo estava enlouquecido, empinando, e eu só conseguia dominá-lo quando aquela luz distanciava um pouquinho... mas aí ela voltava, quase emparelhava comigo e ia em frente outra vez, deixando bem claro que eu devia seguir o caminho dela. Eu vi que não ia dar conta de ficar mais em cima do cavalo, peguei o

37

opção. E numa dessas idas e vindas, um padre foi seguido por um olheiro da corte, até bem perto daqui. Nesse dia, quando o Vovô Tônico Ribeiro acabava de fiscalizar o gado que estava sendo apartado, num pasto perto da estrada principal, que naqueles dias era só um caminho feito por cavalos e carros-de-boi... pois bem, ele disse que viu o Padre galopando feito doído, branco como se tivesse visto um fantasma, e que foi gritando para ele: — Me acuda Sô Tônico, tô sendo seguido e meus companheiros estão passando um aperto danado pra despistar os homens que querem o nosso carregamento, que é da Igreja!

— Mais o que que eu faço Sô Padre???

— Chama alguns homens do senhor e põe os ladrões pra correr Sô Tônico!!!

Nisso, ele voltou correndo pra trás, porque até então 'tava correndo a galope com o padre, que não parou um segundo, nem pra falar com ele. E eles estavam conversando aos gritos, no trote dos cavalos. Aí, o vovô Tônico deixou o padre, voltou pra trás e deu um daqueles assobio, que só pelo "porte" fazia os empregados "batê continência" e achá ele bem depressa... Os quatro empregados que sempre andavam com o avô chegaram logo e ainda tiveram tempo de ver a poeira que o padre fazia ao dobrar a curva lá na frente, em disparada, feito curisoco. A par da história, narrada às pressas, eles também saíram galopando, em direção a São João. Já na terceira curva, viram a poeira levantada pelo trote de uma cavallhada, mas não dava pra ver ninguém, só poeira e trote... "I agora, meu Jesus!???" perguntou o capataz. Vovô Tônico Ribeiro, que era danado de matuto, fez o seguinte: mandou abrir as porteiras, pegô o berrante que 'tava, como sempre, no lombo do alazão e pôs a boca no trombone. Aí, começô a chegá gado mugino, porque ocês sabem, né? berrante pra gado é igual mel pra abelha... eles escutam e sabem que têm que seguir. Os empregados ajudavam gritando: tchô, tchô, tchô!!!... bem alto.

39

carregamento, e segui a pé aquela aparição em forma de bola de fogo... até que ela entrou numa espécie de gruta, e eu, sem pestanciar, entrei atrás. Lá dentro é escuro como noite sem lua, e cheia de mato na entrada, mas depois se abre como uma caverna. A luz da bola de fogo iluminou o lugar, e ficou parada num canto, como que esperando que eu depositasse ali os bernal. Foi o que eu fiz. Quando eu ia assentar para tomar fôlego, ela foi saindo da gruta e tudo foi ficando muito escuro novamente, aí eu saí atrás também. Quando cheguei de fora, não vi mais nada. Ela não estava mais lá! Procurei em volta, e só aí comecei a perceber que o ocorrido era pior e mais extraordinário que os ladrões. Vim correndo pra estrada, pois comecei a ouvir os galopes, e reconheci meus companheiros pela cor da montaria deles"

— "Homem de Deus, mas então foi uma assombração que deu cobertura pro Senhor???"

— "Eu prefiro achar que foi um anjo do céu, meu caro senhor, que quis proteger o tesouro, que irá ajudar a construir muitas Igrejas por esse país afora!"

— "Se assim o senhor diz sô padre, quem sou eu pra achá outra coisa... Bem, se o senhor quiser, eu ajudo a comitiva buscar o carregamento lá dentro da tal gruta, e achar seu cavalo."

— Não, sô Tônico Ribeiro, o senhor já fez muito por nós, e está ficando tarde. Onde ele ficou está muito bem guardado. Vamos seguir pra posar em São Tiago, que lá já tem gente me esperando. Amanhã nós voltamos pra pegar o carregamento e o cavalo. Tem esses três cavalos sem montaria aqui, eu vou em um deles, e amanhã, tudo se resolve... Da próxima vez que eu voltar para São João Del-Rey, passaremos na sua fazenda pra prosearmos um pouco mais. Muito Obrigado, e até a volta, com a graça de Deus."

— "Sua bênção, seu Padre, até mais ver então, e boa viagem!"

Assim, vovô voltou prá casa e contou tudo pros outros, lá na janta, no pé do fogão, que é hora da prosa, que nem nós tamo fazeno aqui. Aí foi um alvoroço danado, as mulheres da casa que ouviam encantadas os acontecimentos do dia, ficaram desesperadas, com medo da tal luz de fogo. Os homens faziam apostas de que o ouro nunca mais seria encontrado, pois aquela coisa parecia ser muito mais esperta que o padre... Outros achavam que o padre foi mesmo é muito corajoso em seguir aquela aparição, no que um dos meninos pequenos falou:

— “uai, mais ele num é padre? Padre pode tudo, até com o diabo. Então, o que que ele vai temê?”

— “Eh, o minino tem razão... e se ele num teve medo, é porque num é o coisa ruim. E nós vamos é tratar de dormir que a lua já tá alta, e a manhã chega depressa!”

Os dias passaram e até já começavam a querer esquecer a história do padre, num fosse o medo da tal luz, que passou a fazer parte da vida de todos. Só o vovô e o capataz não tinham medo de nada, nadinha.

Um dia, vem chegando uma comitiva, e para surpresa de todos, era o padre com sua tropa. Como já era quase dez horas da manhã, e a barriga já reclamava de fome à espera do almoço, todos deram um jeito de se arrumar entre a coberta e a cozinha. Assim, podiam ir matando a fome e a curiosidade ao mesmo tempo. Finalmente havia chegado a hora de saber o final daquela história, e, cada um mais que outro, queria ter razão no seu palpite. Afinal, até apostas eles fizeram... Assim, depois de segurarem a curiosidade o máximo que podiam, enquanto calavam a boca e enchiam o estômago, mal terminaram de trocar aquela conversa mole de cordialidade, e que a educação exige... o próprio vovô, que sempre foi conhecido pela sua impetuosidade, foi logo perguntando:

— “E aí padre, vosmecê conseguiu achar os bornais do “carregamento”? (todos pararam pra ouvir a resposta):

— “O Senhor acredita Só Tonico Ribeiro, que no outro dia, bem cedinho, nós voltamos para o local, rodamos horas à fio aquele lugar e não achamos nem uma grutinha sequer que desse pra entrar um homem? Só encontramos meu cavalo, pastando tranquilo... Já campeamos tudo, e até hoje nada! E não é pra falar pro Senhor que aquela luz me levou o carregamento, não. É que nós não conseguimos achar a gruta até hoje! Agora, vamos indo para São João outra vez, e vou relatar o acontecido pro bispo. Esperamos que ele me libere dos meus compromissos para eu poder voltar e me dedicar à procura dos bornais com mais afinco. De todo jeito, deixei dois dos meus ajudantes no povoado para passarem o dia procurando essa bendita gruta, embora ache que somente eu serei capaz de identificá-la... Mas, fazer o quê? É vontade de Deus, que assim seja!

— “Pois se vosmecê me der licença, eu e alguns dos meus homens poderemos ajudar a procurar também.”

— “Seria ótimo! Então, passo aqui na volta. Se tudo der certo, por volta de uns dez dias.”

Depois que o padre e sua comitiva saiu, o blá, blá, blá na fazenda começou;

— “Como é que pode isso? Caverna nenhuma some assim...”

— “Ele tá é escondeno o ouro!!”

— “Que bobage, sô! Pois ele não estava acompanhado, procurano junto com os companheiro dele? Ele é Padre, num ia pecá!”

— “ Eh, é melhor num falá mal de padre, senão cê vai pro inferno, sô!!!”

Opinião é o que não faltou. E falaram tanto, que vovô Tonico Ribeiro resolveu deixar o trabalho na fazenda e ir com seus quatro melhores feitores dar uma vasculhada no terreno

das Gamelas, pois ele se lembrava de onde o padre tinha surgido na estrada, e, pensando bem, ele poderia saber até melhor que o vigário, já que este não conhecia tanto quanto ele, aquelas bandas de lá... Assim saíram, crentes da vitória, e mais animados ainda por virem a ser os recuperadores do tesouro da Igreja.

Chegando na altura exata onde eles toparam com o padre, tomaram a direção apontada naquele dia, e dali mesmo começaram a procura por qualquer coisa que pudesse parecer uma entrada de caverna ou beta. Não desviavam de nada que pudesse sugerir uma entrada camuflada. Levantaram pedras, cortaram mato, acharam cobras e outros bichos, mas nada de caverna. Muitas horas depois, já bem distante da estrada, encontraram com os dois homens da turma do padre, e juntos trocaram idéias e dividiram o terreno para melhorar a busca. Mais três homens de um sítio perto já estavam com eles, em buscas diárias, e o grupo já era de dez pessoas. Montados e a pé, demarcaram as distâncias que o padre poderia ter percorrido e recommearam as buscas. Ninguém queria desistir, e mesmo que a tarde viesse caindo depressa, a companhia dos outros afastava a pressa de ir embora antes da escuridão. Estavam dispostos a pôr um fim nessa busca, naquele dia mesmo, e não mediram esforços para isso. Assim, espalharam-se dentro dos limites determinados, sendo que ficaram de dois em dois, pois mexer no mato em dupla é mais produtivo... A noite caía e eles tinham como único código de comunicação, os assobios do vovô Tonico, que já estava ficando preocupado, porque dali a pouco, não iam enxergar mais nada, e naquela altura já não dava mais pra procurar a pé. A noite chegou, e nada. Só o vento aumentou e o céu anunciava chuva, pois embora não trovejasse ainda, estava escuro, com nuvens pesadas. Vovô assobiou, do jeito combinado, para reunir o pessoal, só que não ouviu nenhuma resposta. Insistiu várias outras vezes, e

nada! Ficaram na dúvida se voltavam um pouco, e acabaram voltando muito, preocupados com os outros companheiros de busca... Acreditaram então que, pela lógica, eles já tivessem ido pra estrada, e então foram se dirigindo para lá também. Quando estavam quase chegando nela, ouviram um estouro, troféu, relinchos e uma algazarra de ruídos que pareciam de gente, mas não identificaram ao certo, tal a estranheza dos barulhos. Então, começaram a chamar pelos nomes dos companheiros, e no meio de todo barulho, finalmente ouviram alguma coisa parecida com uma resposta, já bem lá na frente, meio que um gemido afoito: ...“corre que ela vai pegá a gente!! Santo Deus!!!... A força do medo foi tão impressionante, que até mesmo os dois homens mais corajosos da fazenda, correram também. Mesmo sem saber de que corriam. Até que o capataz que havia ficado um pouco atrás do vovô com seu alazão (que sabia quase voar), deu um gemido e caiu do cavalo, que empinava e relinchava assustado. Vovô teve então que voltar e levar o capataz na garupa, pois o cavalo dele fugiu na escuridão...

Chegaram à fazenda encontrando as porteiras abertas, os cães em polvorosa e os homens, brancos, com os olhos esbugalhados e sem fala. Ninguém sabia como acalmá-los, e por isso as mulheres gritavam aflitas, piorando a cena. Muito tempo depois, conseguiram ouvir os primeiros relatos de um daqueles pobres homens:

— “Vosmecê viu o que nós vimo??”

— “ Não homem, só corremos que nem doido porque nós num sabia o que tava aconteceno, fale logo, pelo amor de Deus!”

— “Pois nós já tava decidido ir pra estrada, cansado de chamá uns pelos’ outros e num tê resposta... e o escuro caíno, até que avistamo uns aos outros e fizemo sinal de ir pra estrada... já dava pra ver as três dupla, assim a gente ia esperá vosmecê e

os otros lá na estrada. De repente, vem uma carreada disisperadora por trás de nós, e só dava pra vê uma luz enorme, uma bola vermelha e grande, muntano na garupa do Totonho, e ele, branco igual difunto na lua cheia, segurano a rédia da égua, que desembastada ia atropelano tudo que tava na frente, deixano os otros, cavalo e gente, tudo doido!! Mais piorô quando a tal coisa começô a mudá de garupa! Aí, foi aquela locura que ocês deve de tê visto, pois foi eu que tentei falá com voís mecê. Aquela coisa só largô da gente depois que já tava entrano na fazenda.

Mais, ocês num encontraro com ela não??”

— “Não. Só os cavalos é que desembastaram com tanta correria...”

— “Eu vô falá uma coisa, esse assombração num qué que ninguém ache esse tesouro, e foi ele que sumiu com a bêta! Eu nunca mais volto lá!!

— “Nem eu!” — “nem eu!” — “muito menos eu...”

— “Eu tamém não, nem por muito ouro!!!”

— “Eh, deve de cê isso mesmo que ela qué...” Vovô Tonico arrematou:

— “Então, vamo respeitá o desconhecido. Afinal, o ouro num é nosso mesmo!... Vamo cuidá da nossa vida de agora em diante, que é melhó!!”

E Tio Bosco concluiu a história, todo cravejado por nossos pequenos, sonhadores e amedrontados olhos:

— “E assim está até hoje. Ninguém conseguiu achar o tesouro do padre. Nem ele. Pelo menos até que ele morresse, pois anos depois, dizem que faleceu, e vive andano por essas bandas à procura do ouro. Outros falam que ele já achou, pois que já apareceu pra umas pessoas segurando um punhado de ouro e rindo a valer... Contam também que ele trazia muito mais que simples ouro naquele carregamento. Tinha até cachos de uvas em pedras preciosas e ferraduras de ouro, cravejadas

de diamante ...

Seja o que for, eu num sei, e tenho até medo de querê saber, porque vai que ele qué mesmo me mostrá, e aí aparece pra mim, heim?? Não, eu num quero sabê!!...”

Tio, conta aquela história do milagre de São Tiago...

“Ah, vocês se lembram de ver na Igreja Matriz, uma pintura onde tem um carro-de-boi, grande e pesado, caindo em cima de um homem? Pois é. Ele era o guia de uma caravana de espanhóis, que viajava por esses lados. Onde hoje é a cidade, nessa época era só mato. Nem caminho tinha, eles é que estavam fazendo. Aí, quando chegaram onde hoje é a pracinha, eles pararam para descansar, pois acharam o lugar muito agradável, e já estavam andando há muito tempo. Assim, começaram a armar o acampamento e o guia foi soltar o carro para descansar os bois, quando alguma coisa saiu errado e o carro foi tombando em cima do pobre coitado: Ele, desesperado, diante do perigo de morrer esmagado por um enorme e carregado carro-de-boi, gritou pelo nome de São Tiago, e o milagre aconteceu! O carro ficou como que suspenso, o suficiente para que o homem saísse debaixo dele, e então, e só aí, ele acabou de cair. Impressionados com o milagre, demoraram a ver que o Santo estava em pé, visível para toda a comitiva, a pouca distância deles, pairando no ar, com seu cajado, chapéu e manto! Rezaram e agradeceram muito a ele, e decidiram que ali seria fundado um povoado com o nome do santo protetor. Assim, São Tiago nasceu. E eles foram seus primeiros habitantes. Dizem que até hoje, todos nós somos muito protegidos pelo nosso padroiro. Eu acredito que sim. Basta olhar pra cidade e ver como a vida por essas bandas é boa...”

Algumas fotos da Caminhada Turística na Fazenda das Gamelas no ano de 2008, em comemoração aos 300 anos da comunidade de São Tiago.



APELIDOS EM SÃO TIAGO

H – Horrivelino

I – Iubranse, Isqueirinho

J – Jaburu, Jajá, Jabuti, Jaú, Juca, Japão, Juquinha, Jiló, Joãozinho, Jovem

K – Kiki, Kaká

Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Beco

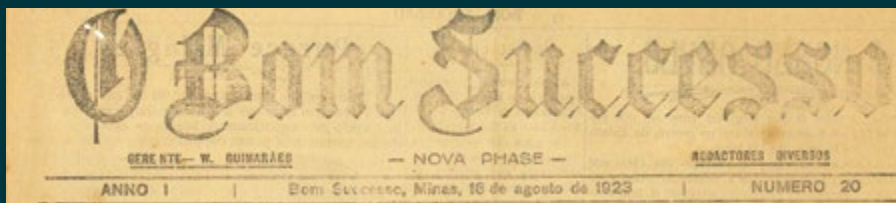
Assuntos sobre São Tiago – Jornal “O BOM SUCESSO” ano 1923 –Pesquisadora: Beth Santos



S. Tiago
Festa de S. Antonio

Communicou-nos o snr. Antonio Gabriel da Silva, procurador dos festejos de S. Antonio, em S. Tiago, que, por motivo de força maior, foram transferidas para o dia 2 de julho proximo os referidos festejos.

O snr. presidente da Camara, havendo já convidado, por intermedio desta folha, e, ao depois, por circulares, os snrs. contribuintes em atrazo para com os cofres municipaes a saldarem os seus debitos, vem novamente reiterar o seu appello, para que não se veja na triste e dura contingencia de proceder á cobrança executiva, que será iniciada dentro de poucos dias.



Festejos de S. Antonio em S. Tiago.

No dia 26 de julho p. findo, teve lugar a festa do glorioso Santo Antonio, promovida pelo prestante cidadão Antonio Gabriel da Silva. E' digno de nota o concurso dos habitantes de S. João d'El-Rey, Ibituruna, Bom Sucesso, S. João Baptista e Villa Rezende Costa, entrando com obulos para a solennidade.

Muito concorreu para o altitudido festejo o cidadão Fazileu Guinarães, auxiliando moral e materialmente para que fosse coroado de exito o dito festejo.

A festa foi brilhantada com 3 bandas de musica: «Lyra de Santa Cecilia», de Mercês d'Agua Limpa, «Lyra Santiaguense» e «Lyra Santa Cecilia», de S. Tiago.

O Vigario de S. João Baptista tambem auxiliou o Revmo. Vigario José Duque; sendo este ultimo o pregador que, com sua palavra fluente, prendeu o auditorio por mais de 2 horas. E' superfluo dizer que o povo de S. Tiago muito auxiliou o festeiro com a boa vontade que o caracteriza.

ALFERES MATIAS FRANCISCO DE VARGAS

O Alferes Matias Francisco de Vargas⁽¹⁾ foi o patriarca da família Vargas e um dos maiores latifundiários da região das nascentes do Rio Jacaré, com sede no termo de Morro do Ferro, antigo curato de São João Batista. Casado com D^a Maria Antonia da Silva, batizada na capela de Santo Antonio de Lagoa Dourada aos 09-07-1747, filha de João da Silva e Catarina Pereira⁽²⁾, np de João da Silva e Angela Fernandes, naturais da freguesia de São Martinho de Couto de Moure, arcebispo de Braga; nm de Sebastião Pereira de Ávila, natural da cidade do Rio de Janeiro e Isabel Bicudo de Alvarenga, natural da freguesia de Santo Antonio da vila de Guaratinguetá (SP) D^a Maria Antonia da Silva foi inventariada post-mortem em 02-07-1812 – Cx. 538 – MRSJDR, tendo falecido aos 09-08-1811 (3) Ela nomeou como testamenteiros em 1º lugar o marido, o Alferes Matias Francisco de Vargas, em 2º lugar o filho Manoel Francisco de Vargas e em 3º o filho Antonio Francisco de Vargas. O testamento foi dito e lavrado aos 26-07-1810 no arraial de São Tiago Maior em casa de morada do tabelião Tomás de Aquino Sampaio.



Filhos do casal Alferes Matias Francisco de Vargas e Maria Antonia da Silva:
I – Manoel Francisco de Vargas, batizado aos 07-06-1770 em Passa Tempo. Casou aos 30-11-1797 em Oliveira com Joaquina Teresa de Jesus, filha de André Martins Borges e Vitória Teresa de Jesus. Residentes em São João Batista (Morro do Ferro) onde D^a Joaquina Teresa de Jesus foi recenseada em 1831, fogo 64, já viúva com os dependentes Manoel, José, Joaquim, Pedro⁽⁴⁾, Paulo, Theodorinho, Silvestre, Merenciano, Ana, Joaquina, Rita, Maria, Esmeralda.

II – Matias Francisco de Vargas batizado em Passa Tempo aos 03-09-1771; casou aos 26-04-1799 na capela de São João Batista (Morro do Ferro) com Ana Severina da Assunção, filha de Manoel Borges Pacheco e Luzia Rodrigues da Assunção (Projeto Compartilhar)

No inventário consta como casado com Suzana de São José, moradores em Santa Teresa, Capitania de Goiás.

III – Antonio Francisco de Vargas batizado aos 21-09-1773 em Passa Tempo; casou aos 06-01-1801 na capela de São João Batista (Morro do Ferro) com Silvéria Constandina de São José, filha de José de Barros de Albuquerque e Isabel Teresa de Jesus, np de Francisco do Rego Barros e Matildes Álvares Jacinta e nm de Francisco da Costa Fagundes e Josefa Inácia de São José

Antonio Francisco de Vargas faleceu aos 06-06-1830, sendo sepultado em Morro do Ferro. A viúva, D^a Silvéria Constandina, foi recenseada em 1831, fogo 63, como moradora no curato de São João Batista, com 46 anos, 9 dependentes brancos e 6 escravos

IV – Ana Joaquina dos Anjos, batizada na capela de São João Batista (Morro do Ferro) aos 08-09-1775; casou aos 09-07-1798 na capela de São João Batista com José Ribeiro da Silva (+ 23-01-1810), filho de Antonio Coelho da Silva e Ana Ribeiro de Brito. Casal com 7 filhos

V – João, batizado aos 21-07-1777 em Passa Tempo. Não aparece no inventário materno, provavelmente falecido em criança.

VI – José Francisco de Vargas, batizado aos 09-12-1779; casou aos 25-04-1804 na capela de São João Batista com Mariana Veríssima de Menezes, filha de Manoel Paim Fagundes e Tomásia Mariana de Jesus. Moradores em Morro do Ferro. Casal com sete filhos.

VII – Joaquim Francisco de Vargas com 30 anos (1812), batizado aos 05-03-1782 na capela de São João Batista; casou aos 25-01-1825 em Oliveira com Rita de Cássia de Jesus, filha do Quartel Mestre Silvério Pereira Cardoso e Ana Leonor de Jesus. Casal residente em Morro do Ferro onde foram recenseados em 1831, fogo 61, com sete escravos.

VIII – Pedro, batizado em 1782 na capela de São João Batista (provavelmente irmão gêmeo de Joaquim) Casado com Maria Antônia, moradores em Espírito Santo, termo de Pitangui (conforme testamento e inventário materno)

IX – Joaquina Fermiana de Jesus batizada aos 03-04-1787. Faleceu aos 20-10-1857 na Fazenda Jacaré, com testamento registrado no livro de óbitos na paróquia de Passa Tempo

X – Maria Antonia de São José, com 23 anos (1812) batizada na capela de São João Batista aos 11-05-1789; casou aos 15-01-1824 na referida capela de São João Batista com Joaquim Dias de Oliveira Naves, natural de Lavras, filho de João Naves e Ana Vitória. Casal com a filha Maria Rita do Nascimento.

XI – Mariana, batizada aos 27-04-1794 na capela de São João Batista. Não aparece no testamento e inventário materno. Provavelmente falecida antes de 1812.

Segundo a pesquisadora Carla Maria Carvalho de Almeida, que estudou com acuidade o inventário post-mortem de D^a Maria Antonia da Silva, ela e o marido, o alferes Matias Francisco de Vargas, eram grandes proprietários de terras da Capitania, donos de considerável fortuna, em especial rebanhos: “Nessa ocasião, existia na Fazenda do Jacaré, de propriedade do casal, 532 cabeças de gado vacum, 114

vacas paridas com cria, 7 marruás, 16 bois de carro, 18 equinos, 80 cabeças de porcos de terreiro e 30 cabeças de ovelhas. Este rebanho fora avaliado com a considerável quantia de 2:343&500 (26,5% do monte)”

A Fazenda do Jacaré (...) constava de “... casa de vivenda, paiol, moinho, tudo coberto de telha, quintal com várias plantas e árvores, terras de cultura e criar” Os louvados a avaliaram em 3:800\$000, o que representava 43% do monte do casal. Aqui também encontramos indicadores de uma associação entre criação de ovelhas e produção têxtil no interior da propriedade, já que, entre os instrumentos de trabalho registrados no inventário, foram descritas 5 rodas de fiar.

A agricultura também se destinava ao sustento do rebanho ou ao uso doméstico. No paiol havia 20 carros de milho e 20 alqueires de feijão. Pelo valor de sua avaliação, 46\$000 (5,2% do monte), associada à descrição de poucos instrumentos de trabalho destinados à prática agrícola, inferimos que a agricultura tinha caráter secundário dentro da propriedade, sendo a criação de bovinos a atividade central.

Os 24 escravos compunham 24,4% da riqueza do casal (...) Ainda assim, permanecia baixa a relação rebanho/mão-de-obra escrava. Vejamos: dos 24 cativos, 8 eram crianças menores de 13 anos; dos escravos adultos, 3 tinham idade superior a 58 anos. Dos 13 adultos em idade produtiva, 5 eram do sexo feminino”

(Carla Almeida - “Homens ricos, homens bons – produção e hierarquização social em Minas colonial 1750-1822” Niterói, UFF, 2001, pp. 135/136)

Da mesma forma, assim se pronuncia o pesquisador Rodrigo Leonardo de Souza Oliveira: “O Alferes Matias Francisco de Vargas e sua esposa D^a Maria Antonia da Silva eram grandes proprietários da Capitania. Os bens do casal foram avaliados em 8:838\$000. Entre os bens, a existência de um bom rebanho de animais, o que é um indicativo claro de investimentos do sujeito nos complexos agropecuários” (In “Os redutos de dominação bandeira nos sertões de São Bento do Tamandará: o caso de Januário Garcia Leal, “o Sete Orelhas” – Revista Histórica (São Paulo) nº 177, ano 2017/2018, p. 28 – <https://dx.doi.org.10.11606/issn.2316-9141.rh.2018.131856>)

O inventário constam 5 milheiros de telhas, sendo 2 na fazenda do Jacaré e 3 milheiros na Tapera do (José) Braga, denotando a existência de olarias nas propriedades de D^a Maria Antonia da Silva e seu marido o Alferes Matias Francisco de Vargas⁽⁵⁾

NOTAS

(1) Segundo genealogistas, a família Vargas é de origem espanhola, tendo alguns de seus membros migrado para a Ilha de Açores no século XVII e dali para o Brasil, instalando-se principalmente no sul do País. Em Minas Gerais, um núcleo da família Vargas estabeleceu-se, à época da descoberta do ouro, em Bonfim, espalhando-se por outras partes do território mineiro.

(2) D^a Catarina Pereira foi inventariante de seu marido João da Silva em 21-11-1804 e ela própria realizou seu inventário em vida. Eram proprietários da Fazenda da Cachoeira do Morro do Ferro

(3) D^a Maria Antonia da Silva determinou em seu testamento fosse seu “corpo envolto e amortilhado no hábito de Nossa Senhora do Carmo, da qual sou irmã professa na vila de São João e depositado em um caixão forrado à eleição de meus testamenteiros, será sepultado na igreja ou capela que estiver mais perto onde for o meu falecimento...” Ao todo, D^a Maria Antonia solicitou fossem rezadas centenas de missas, sendo 606 somente em sufrágio de sua alma (6 de corpo presente, 100 na “capela ou igreja onde meu corpo foi sepultado”, 100 no altar privilegiado de São Tiago Maior, 100 na capela de Nossa Senhora da Glória de Passa Tempo e ainda mais 300), além de mais 20 missas pelas almas do purgatório e 230 missas “pelas almas de meus escravos”

(4) Pedro Francisco Vargas batizado aos 13-05-1810; casou aos 17-09-1832 na capela de São Tiago com Iria Ferreira da Silva, filha de Vicente Ferreira da Costa e Maria Cândida da Silva

(5) A Fazenda do Jacaré “consta de casas de vivenda, paiol, moinho, tudo coberto de telhas, quintal com várias plantas e árvores, terras de cultura, campos, que de uma banda se dividem com o Rio Jacaré e de outra com terras do Alferes Manoel Mendes dos Santos e da outra com terras de Custódio Machado de Mendonça e com o Capitão João Gonçalves de Mello – 3:800\$000)

OBSERVAÇÃO – O inventário de D^a Maria Antonia merece especialíssima atenção (tanto assim que foi estudado a fundo por pesquisadores do quilate de Carla Almeida), não só pelo vasto patrimônio familiar nele registrado, mas ainda por fatos marcantes para nossa região e para historiadores locais como: criação de ovelhas e produção têxtil (5 rodas de tear relacionadas), uma das tradições da região de Morro do Ferro; a produção de telhas (5 milheiros mencionados), configurando a existência de olarias, outra atividade comum às fazendas da época; a menção à fazenda (Tapera) do Braga, sabendo-se que a Fazenda Braga, situada nas divisas entre São Tiago e Morro do Ferro, era ponto de parada nos primeiros tempos da Estrada Real de Goiás, referenciada em mapas históricos do século XVIII.

CARTAS DE SESMARIAS – RIO DO JACARÉ (Subsídios para pesquisa)

- 29-07-1767 – Requerimento de Tomás da Costa Pamplona pedindo confirmação de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem chamada Rio do Jacaré, termo da vila de São José, Comarca do Rio das Mortes. (AHU-Ultra Brasil/MG Cx. 90, doc. 86)

- 12-02-1801 – Requerimento de Inácio Ribeiro da Silva, morador da Aplicação de Nossa Senhora de Oliveira, termo da vila de São João, Comarca do Rio das Mortes, pedindo confirmação de carta de sesmaria de meia légua de terra em quadra na paragem chamada Jacaré (AHU-Com.Ultra Brasil/MG Cx. 156, doc.55)

TERRA, FAMÍLIA E A ECONOMIA COLONIAL-IMPERIAL



A terra era – em grande parte, o é – um espaço simbólico de realização de experiências sociais, culturais, biológicas, humanas, a que se agregavam tramas e representações políticas, caminhos, por vezes conflituosos, formadores de nossa territorialidade e nacionalidade. Os recursos da terra isoladamente não bastavam. “Os recursos só se tornam recursos quando culturalmente identificados e avaliados. Não existem recursos naturais per se. Os recursos não se impõem unilateralmente à cultura, embora possam vetar alguns caminhos e estimular outros” (José Augusto Drumond – “A História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas” Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, 1991, p. 182).

Embora o principal meio de produção e eixo socioeconômico da sociedade patriarcalista e patrimonialista da época, a terra, por si só, não agregava valores, porquanto sua rentabilidade dependia do trabalho investido, das relações ou transações comerciais e sociais desenvolvidas em torno de sua produção. A terra assegurava a subsistência, consolidava representatividade e posições na hierarquia social de então, além de figurar como reserva patrimonial ou recurso de que se lançava mão em situações de crise. A posse da terra ultrapassava assim o critério econômico, permitindo ascensão e afirmação social, mormente dentro da estrutura escravista em que a apropriação do trabalho escravo objetivava fundamentalmente “garantir a própria manutenção do papel social da elite e, com este, da estrutura social por ela controlada. Esse mesmo caráter conservador verifica-se na acumulação ocorrida em grupos sociais subalternos, como o campesinato” (Antonio Carlos Jucá Sampaio – “A produção política da economia: formas não mercantis de acumulação e transmissão da riqueza numa sociedade colonial (Rio de Janeiro 1650-1750)” Topol, v. 4, n. 7, julho-dezembro 2003, p. 278) A propriedade da terra consistiria, em suma, em riqueza acumulada, à dominação ou prestígio social, provocando domínio sobre escravos, moradores, arrendatários e mesmo confrontantes.

A economia colonial pautava-se, em grande parte, por regras morais, em função das redes sociais inerentes e relações de parentesco e clientela a serem precisamente observadas. Assim, valores morais, costumes e a crença nos direitos consuetudinários regiam os indivíduos e as massas, muito mais do que razões puramente econômicas ou legais. Uma sociedade em si arcaica, em que o plano social suplantava a lógica econômica e de mercado. Compartilhando determinados fins e estratégias, potencializando os recursos individuais, o conjunto de proprietários de terras agiam com interdependência, mediante comportamentos prevalentes que envolviam casamentos de interesse, amplas fontes de favores, reciprocidades, trocas de informações, enfim formas seletivas e efetivas de sobrevivência, poder cumulativo e enriquecimento.

Patriarcalismo - As famílias tipificavam-se pela hegemonia ou presença do “pater” (patriarcalismo), englobando amplas relações de consanguinidade ou estruturas nucleadas de parentesco, incluindo agnados, cognados ou ainda de propriedade como escravos, criados, bens etc. A organização familiar, com seus costumes e regras particularizadas, configurava/impacitava toda a dinâmica ou eixo social, com arraigadas formas de solidariedade socioeconômica, extrapolando fronteiras internas e de mercado local. A família, o pertencer a determinado clã, assumiam, destarte, um papel mais primordial do que como indivíduo, exercendo mais influência ou “peso” nas questões sociais do que o próprio Estado. Terra e família eram os ingredientes básicos em torno dos quais gravitavam a vida social, econômica, cultural e mesmo política da sociedade colonial-imperial⁽¹⁾. A distância física ante o governo central exigia soluções locais rápidas, o que permitiu que os líderes (locais), vinculados por parentescos, se tornassem intermediários entre a Coroa e a sociedade, adquirindo considerável preponderância política e territorial. A família organizada e estruturada na Minas oitocentista passou, dessa forma, a interagir/definir a vida material da comunidade, incluindo o acesso e posse da terra e mesmo com a futura

ou oportuna atuação da justiça, o padrão de organização fundiária e de exploração da terra pouco se alterariam – ou seja, apenas parcialmente.

Conflitos Fundiários em nosso meio (ver ainda Notas 4 e 5 infra)- A demarcação, medição e divisão da propriedade particular, via de regra, era(m) resolvida(s) de forma amigável, por meio do costume e da interferência familiar, ocorrendo, todavia, situações de conflito na divisão física da terra, incluindo contestação de formais de partilha de inventários post-mortem e levados aos tribunais (Caso do Cap. João Gonçalves de Lara Góis – Iphan/SJDR – Fazenda Boa Vista, Aplicação de São Tiago, ano 1845, cx. 09, fls. 37)⁽²⁾ As partilhas explicitavam a divisão da propriedade entre os herdeiros, com descrição da propriedade, valor e limites. A demarcação das terras consideravam, como balizas ou marcos, elementos da natureza: árvores específicas, córregos, nascentes, pedras, rios, bem como os nomes dos confrontantes, benfeitorias – casas, moinho, engenho, açudes, valos, tapumes etc.

No tocante à divisão de terras, encontramos o sistema de “intestação” (concessão da terra, por parte do testador, a um dos herdeiros, geralmente em detrimento dos demais). As Ordenações Régias, ao estabelecer os termos de herança, determinavam que a partilha entre os herdeiros seria igualitária; que a porção da herança a ser partilhada equivalia a 2/3 (dois terços) e o terço restante seria disposto como bem conviesse ao testador. No norte de Portugal, ocorriam estratégias que burlavam o princípio da divisão igualitária, como a “doação da casa” ou “terça” ao filho mais apto a administrar a propriedade ou ao primeiro que se casasse e/ou outros subterfúgios⁽³⁾, passando esse(s) a gestor(es) ou primus da propriedade. Tais estratégias foram transferidas pelos imigrantes portugueses, em especial oriundos do Minho e outras regiões do norte português, para o Brasil.⁽⁴⁾

Outros aspectos no tocante a composição e distribuição fundiária no passado referem-se às modalidades de compra e venda, envolvendo formalizações “costumeiras” e cláusulas juridicamente aceitas, gerando igualmente dissensões, muitas vezes levadas aos tribunais⁽⁵⁾

NOTAS

(1) Daí Elizabeth Kuznesof explicitar que “a família brasileira foi a unidade básica da colonização, da fundação de cidades e da organização das milícias” (“A Família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo 1700-1980) Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, v. 17, pp. 37 e 48)

(2) Em casos de litígios, fazia-se presente a atuação de louvados ou agrimensores, geralmente “homens de reconhecida probidade e boa inteligência” indicados pelas partes e escolhidos como partidários oficiais e aprovados/homologados pelo juiz. Havendo herdeiros menores ou incapazes, fazia-se presente o termo de juramento do curador.

(3) “Aqui vemos outra característica de patrimônio: a prioridade dada à vontade do testador que poderia escolher o destino de um terço dos seus bens em detrimento da igualdade dos direitos de herança. Nesse caso, o testamento – corporificação dessa vontade – caminhava ao lado do inventário, que seguiria normas legais menos personalizadas” (Manoela Pedroza – “Engenhocas da moral – uma leitura sobre a dinâmica agrária tradicional (freguesia de Campo Grande, Rio de Janeiro, século XIX) Unicamp. Campinas/SP, 2008, p. 146)

(4) Encontramos, em nosso meio, situações de conflitos ou litígios em função do favorecimento, por parte do testador, de um ou mais herdeiros. “No caso da Fazenda Carapuça, apenas dois dos herdeiros receberam a terça em detrimento dos outros, sendo senhores da terça Manoel Caetano de Carvalho e Dona Marcelina (Maria Marcelina de Jesus) em partes iguais” (Keila Cecília Melo – “Senhores e Possuidores – Estrutura Fundiária, Unidades Rurais Pro Indiviso e o Mercado de Terras em Minas Gerais – São José do Rio das Mortes c. 1830 c.1856” UFSJ, 2015, p. 92) O processo acha-se arquivado no Iphan/SJDR – Fundo de Divisão de Terras – Nome Ana Policena da Conceição – Divisão Fazenda da Carapuça, Retiro das Laranjeiras e terras no Ribeirão das Almas – ano 1859 – cx. 17)

Lebramos, por oportuno, que o inventário de Pe. José Manoel da Rosa Ribeiro, célebre proprietário da Fazenda das Gamelas, perdurou de 1826 (ano de seu falecimento) a 1848, envolvendo os maiores louvados e autoridades da região à época. Mais recentemente (século XX) tivemos a polêmica familiar envolvendo a família Mata, tendo a matriarca D^a Balbina Lina da Mata destinado 1/3 dos bens ao filho Cincinato Augusto da Mata, além de 22 alqueires de terras nos Taboões à neta Eny, filha de Cincinato, gerando controvérsia familiar e consequente processo judicial que perduraria por mais de 3 anos. (ver BOX – pág. 15).

“Outra passagem curiosa com relação a esse aspecto da intestação (doação da terça, via testamento, para um dos filhos ou herdeiros) se refere ao processo da divisão da Fazenda Boa Vista em que sete herdeiros

receberam juntos a quantia de 2:174\$004 réis, enquanto o primogênito recebeu sozinho a cifra de 2:484\$584 réis” “No processo de divisão da Fazenda Boa Vista, as terras do primogênito – que equivaliam a mais da metade do valor total da propriedade – foram as únicas demarcadas separadamente. Os outros sete herdeiros se mantiveram em comum. Isso corrobora nossa afirmativa anterior de que o recebimento de partes bastante pequenas de terra condicionava também a manutenção da unidade pro indiviso” (Keila Cecilia Melo, op. cit. pp. 92/93) Processo Iphan/SJDR – Fundo de Divisão de Terras – Bernarda Proença de Lara – Fazenda Boa Vista – Cx. 17)

Fazenda Varginha – “Já o curioso caso de proposta da Fazenda Varginha, distrito de São Tiago “a divisão foi anulada devido à falta de interesse dos citados” (IPHAN/SJDR – Fundo de Divisão de Terras – Joaquim Custódio Guimarães, Teresa de Jesus Guimarães, José Joaquim Guimarães – Fazenda Varginha, ano 1851, cx.02” apud Keila Cecilia Melo in “Senhores e Possuidores – Estrutura fundiária, unidades rurais pro indiviso e o mercado de terras em Minas Gerais – São José do Rio das Mortes c. 1830 c. 1856” UFSJ, 2015, p. 95)

(5) “A leitura do processo de divisão de terras de João Gonçalves de Lara Góis a fl. 31 nos indica que no ano de 1845 a prática do direito costumeiro de aceitação da palavra como documento ainda estava ativa, mas já dava os primeiros sinais de malogro. Segundo consta nos autos do processo, Rita Clara de Jesus, alega ter negociado por escrito particular, a parte do herdeiro Manoel, morador no Pihau, da Fazenda Boa Vista no distrito de São Tiago, mas não apresentou esses títulos. Diante disso, o embargante afirma que “não basta declarar ao escrivão que houve a tal venda, se o título dela não se mostra para ser devidamente examinado pelos consenhores que têm interesse em saber se o ato se fez na devida forma” e arremata questionando a aceitação da palavra da ré “o mais é querer que se acredite a sua honrada palavra, o que não é admissível em direito, que só se contenta com a prova dos fatos”

O contra-argumento a essa proposição é baseado na defesa do direito costumeiro na proposta de desacreditar a honrada palavra e privilegiar provas e fatos é muito desairoso, pois “sendo essa venda muito sabida de todos e muito especialmente do excipiente, não devia deixar de a confessar” Essa passagem do documento aponta para uma crise devido à mudança nos padrões de justiça do direito consuetudinário para as provas factuais. Ainda que a falta de títulos legais servisse como motivação para interpor embargos, a legitimação da aquisição, percebemos aí a aceitação do direito consuetudinário – da palavra e da ciência dos interessados na ocupação que a ré efetivou há anos” (IPHAN/SJDR – Fundo de Divisão de Terras – João Gonçalves de Lara Góis – Fazenda Boa Vista – ano de 1845 – Cx. 09 fls. 31 frente/verso, fls. 23, 26 e 32) (Keila Cecilia Melo – op. cit. p. 149)

Sobre o tema, ver matérias em nosso boletim nº CXXXIX – abril/2019.

ESTRATOS/CATEGORIAS DE PROPRIETÁRIOS RURAIS

• **Fazendeiros** – assim denominados os que detinham acentuado poder econômico e político, preponderante em relação às outras categorias. Prósperos, abastados, senhores de grandes extensões de terras, possuidores de vinte ou mais escravos controlavam eles a política local, mobilizavam uma “clientela” entre os homens livres da região, mediante redes de dependência pessoal, econômica, familiar e política.

• **Lavradores** – eram aqueles depositários de certo ou delimitado nível de reconhecimento social, mas não eram investidos de poder político.

• **Sitiantes** – grupo(s) de lavradores que não gozavam/usufruíam do prestígio social do 1º grupo (fazendeiros), mas possuíam escravos e terras. Eram proprietários relativamente independentes, cujos reduzidos empreendimentos agrícolas tornavam-nos politicamente subordinados aos fazendeiros (1º grau).

• **Roceiros** – grupo(s) domésticos de pequenos e mesmo médios proprietários de escravos ou ainda sem escravos; proprietários de unidades produtivas em que os membros do núcleo familiar exerciam as principais atividades mantenedoras da propriedade. Há que se observar que grandes e ricos proprietários da época se classificavam como “roceiros”.

• **Camponês ou Campesino** – era uma palavra aplicada a quem vivia no campo em oposição a urbano ou cidadão (morador da cidade) e que era aplicada a pequenos proprietários, sitiantes, lavradores que trabalhavam a própria terra com mão de obra predominantemente familiar, em regime de economia de subsistência e com certo grau de independência na gestão da unidade doméstica.

• **Sesmeiros** – concessionários/proprietários de uma sesmaria (terras cedidas pelo governo colonial português) Sobre o sistema de sesmarias ver matérias em nosso boletim nºs...

• **Colonos** – cultivadores de terras pertencentes a outrem; agricultores que cultivavam propriedades de terceiros, mediante pagamentos.

ALGUMAS PASSAGENS DOS ADVOGADOS DOS HERDEIROS NO INVENTÁRIO - FAMÍLIA MATA

“Discordamos das primeiras declarações do inventariante (...), porque, pretendendo impressionar com descrições de velhacarias, em que forcejam por tornar-se irritantemente minuciosas, omitem bens de estimável valor, notadamente da classe dos a que deram o nome de semoventes, onde não foram contemplados quarenta porcos magros; doze ditos de meia-engorda; doze bois de carro, entre outros bens.

Impossível existir uma fazenda, como a que é objeto do presente inventário, sem carros de bois, sem uma fábrica de polvilho, sem animais de sela, para disso tão só falarmos (...) B. Sucesso - junho, 26 - 1934. Pp. Lellis Silvino”

“O inventariante acobertado pela presunção de merecer fé a sua palavra até prova em contrário, não se satisfaz em abusar da presunção, apenas! Quer torcer a verdade e a justiça. (...)

Reclamamos a descrição de todos os bens. O inventariante se recusou a fazê-lo, com quanto não negasse a existência de tais bens. Até afirmou a existência, quando deu-lhes a qualidade de estranhos ao espólio. Não fomos atendidos. Arguido de suspeito o avaliador judicial, não se deu com a suspeição. (...) Bom Sucesso 24-10-1934 Pp Mateus Salomé de Oliveira”

“Dando-se-nos vista dos presentes autos, para falarmos sobre as contas (...), reconhecemos a exatidão das mesmas, que não impugnamos, admirando-nos, porém, o como, o quando e o por quem foram apresentadas.

É mais um dos meios de que lança mão o inventariante, para retardar o andamento do processo, onerando-o inconfessavelmente, calculadamente.

Depois de feito o cálculo para pagamento do imposto respectivo, por mais de uma vez, é que, mal acordado do sono de remarcada desidia, se ergue o inventariante, trazendo nas mãos as contas, dívidas passivas do espólio, cujos documentos jazeram, até agora, esquecidos debaixo do travesseiro de uma indolência sem adjetivos.

Tal tem sido, em todo o alongado curso deste processo, sobre que já existem as mais desencontradas versões, o proceder condenável do inventariante, a que se juntam, cumulativamente, os nomes pomposos de testamentário, herdeiro e felizardo legatário, instituído por próprias insinuações, conforme depoimento já prestado no juízo desta comarca.

Ao inventariante, tritulado impedia o pagamento das despesas com os funerais de sua digna mãe, ao menos por um dever comezinho de moral. (...)

Abroquelando-se no escudo de papelão do fato de estar residindo, fora da comarca, o ilustrado procurador de alguns interessados, cujas custas ainda não foram pagas, o inventariante, que vem requerendo praça de bens do espólio, para mais sobrecarregá-lo, ainda não pagou, sequer, as próprias custas!... (...)

Fazendo petições e petições, juntando documentos aos autos, sem o necessário selo, esforça-se o inventariante por retardar a hora H, em que tenha de pagar suas custas, para andamento do processo, eternizando-se na posse, já ilegal, de herança indivisa, em que já acostumou a estar, desde recuados anos...

Requeremos, do mesmo passo, a remoção do inventariante, porque, como se vê destes autos: desatendeu reclamações e reclamações sobre a descrição dos bens, sonogando-os indistintamente; não tendo dado ao processo do inventário o andamento conveniente, retardando o feito, suscitando incidentes e praticando atos novamente protelatórios, tem sido omissivo em acionar as dívidas ativas do espólio. MCMXXXV - abril, seis. Pp Lellis Silvino”

“Diz o advogado abaixo assinado, nos autos do inventário de dona Balbina Lina da Matta, por parte de seus constituintes, a) que o inventário foi iniciado há mais de um ano e ainda não foi concluído; b) que este retardamento é, em grande parte, causado pelo inventariante, com o fito de hostilizar herdeiros com quem não se dá e com o interesse de permanecer na posse da herança total; assim, c) que, sendo homem de fortuna, vem de há anos, se batendo pela separação de bens para venda em praça para pagamento de custas e impostos não vencidos, o que nos levou a pedir a remessa dos autos para Oliveira (comarca substituta), de vez que, em Bom Sucesso, a astúcia do inventariante queria ultrapassar a autoridade judiciária (...) e) que o inventariante, sendo, como é, homem de fortuna, sustenta a necessidade de venda em praça, mesmo no que lhe corresponderia pagar, apenas para retardar a conclusão do feito, que termina com a partilha; igualmente, f) que, somente agora, depois de feito o cálculo, é que vem falar em dívidas do espólio, substituindo-se aos credores, de maneira que não se sabe, criando dúvidas (...) Bom Sucesso, 12 de abril de 1935 Pp Mateus Salomé de Oliveira”

Fonte: historiador Vinícius Mata

2021 - ANO DO BOI (BÚFALO) NO CALENDÁRIO CHINÊS

“Não havendo boi, o celeiro fica vazio, pois pela força do boi, há abundância de colheitas” (Pv 14:4)

De acordo com o horóscopo chinês, o boi (búfalo) é o signo que governará o ano solar de 2021, que se inicia em 12 de fevereiro de 2021 e se encerrará em 31 de janeiro de 2022. Cada signo, segundo a astrologia oriental, é definido pelo ano de nascimento e não pelo mês como é praxe no ocidente.

O calendário chinês é regido ou simbolizado por doze animais e segundo intérpretes, o ano de 2021 – governado pelo boi – será sinônimo de trabalho duro, disciplina, dedicação, lealdade e uma avaliação justa da realidade. As energias reinantes promoverão estabilidade, estruturação e prosperidade, desde que haja planejamento, prudência, de forma que todo projeto ou iniciativa disponha de plano de viabilização, realização, consolidação ou seja arregaçar as mangas e mãos na massa! Necessário, pois, trabalharmos com afinco, coragem, norteamento. Se bem trabalhado, o ano de 2021 será um ano de recuperação, de crescimento, desenvolvimento profissional e familiar.

Na astrologia tradicional chinesa, o signo do boi é conhecido pela lealdade, disciplina, determinação, estando vinculado ao patriarcado, ética, justiça, franqueza, respeito pelos outros, além de intuição, versatilidade. O espírito deve prevalecer sobre o coração ou seja a dinâmica da vida orientada para a virtude, a ordem, a consistência. Deve-se evitar manifestações de caráter negativo como a raiva, a impulsividade descontrolada, intrigas, tudo o que leva a cisões e perdas nas relações, seja com clientes, colaboradores, familiares. Signo que valoriza o conservadorismo, as tradições, a estabilidade, o fortalecimento do controle emocional com benefícios para as relações pessoais, sociais e profissionais.

A humanidade atravessa um período de degeneração, necessitando urgentemente reequilibrar-se em clima de fraternidade, boa vontade. Segundo o budismo, tempos de se reciclar (Kalachakra) direcionando-se nossos pensamentos a um presente e futuro inspiradores, sem degenerescência, guerras, afinamento de caráter, ou seja, é dever de cada um o contínuo esforço para a paz, a transcendência, a libertação. Tempos de despertarmos da ignorância e alcançar virtudes de abundância, através do corpo, da fala, da mente, dos mistérios da alma. Precisamos nos purificar de nossas aflições mentais; estabelecermos uma mente mais consciente, equilibrada, o que indica qualidade de vida interior, harmonizando força, amor, compaixão, sabedoria; ativarmos a coragem, eliminando o medo, a insegurança; orar, sintonizar bênçãos e proteção divina.

As nossas ações sejam regidas pela serenidade, temperança, bondade, compassividade. O comando do cérebro a exigir – e exibir – disciplina, seriedade, a depuração do coração. Segundo os mestres orientais, as paixões humanas precisam ser amansadas, domesticadas, para, dessa forma, apaziguadas - quais águas estuantes, revoltosas contidas pela represa - nos sirvam de suporte existencial, obedientes à gestão, à organização e ordenação da mente.

Será um ano duro, porém com aspectos de recuperação e de desenvolvimento tanto profissional quanto familiar. Um alerta, todavia: conflitos poderão ser desastrosos, recomendando-se sempre o uso do diálogo, do bom senso, harmonia, prudência, quando não renúncia. O boi é um animal de força e energia incomuns, cuja resistência e tenacidade são lendárias. Se descontrolado, poderá provocar impactos imprevisíveis!

TRAÇOS DO BOI NAS RELIGIÕES

ZEN-BUDISMO - Religiões tradicionais, como o Budismo, tem simbologias magníficas sobre a figura do boi – a exemplo da alegoria “Os dez passos do apascentar do boi” (“O pastoreio do boi”), que são estágios de jornada espiritual. Uma sequência de dez ilustrações (desenhos) com comentários em prosa e verso; sua autoria é atribuída a Kakuan-Shien (Kuo-na-Shih-juan), mestre chinês do século XII. Provavelmente, por causa da natureza sagrada do boi na Índia antiga, é que esse animal veio a ser usado como símbolo da natureza primária (natureza búdica) do homem.

O homem, ainda que dotado de elevado desenvolvimento espiritual, após atingir a percepção da unidade (apagamento da concepção de si e do outro), vive no mundo secular da forma e da diversidade, move-se pelo caminho búdico, agindo dentre os homens comuns, inspirando-os pela sua compaixão e irradiação. O domínio da mente, autorrealização. São dez os passos do “Apascentar do Boi”: 1. Procurando o boi; 2. Encontrando os rastros; 3. Primeiro vislumbre do boi; 4. Agarrando o boi; 5. Domando o boi; 6. Montando o boi e trazendo-o de volta à casa; 7. O boi esquecido – ele está só; 8. Esquecido do boi e de si mesmo; 9. Voltando à fonte; 10. Caminhando pelo mercado com as mãos serviçais

“Tudo é criado, controlado e regido pela mente. Assim como o carro segue o boi que o puxa, o sofrimento segue a mente que se acerca de maus pensamentos e de paixões mundanas” (Buda)

“O homem que pouco aprendeu, envelhece como um boi com muita carne e nenhum conhecimento” (Buda)

BIBLIA - o boi aparece em muitas passagens bíblicas. No Antigo Testamento, é mencionado como propriedade valiosa, com ênfase para seu relevante

aspecto econômico – sua utilidade como animal doméstico. Livros como Deuteronômio e Êxodos (21 a 23) listam situações em que o boi deve/pode ser abatido – e mesmo o seu proprietário punido – em circunstâncias em que o animal venha a ferir ou mesmo matar alguém. O Levítico faz inúmeras referências aos rituais de sacrifício de bois e cordeiros (Lv 9, 17, 22, 27) bem como Jz (6:25), 2Sm6, além de várias citações no Livro de Jó, Isaías.

“Não atarás a boca ao boi que debulha” (Dt 25:4)

“Não amordaces o boi quando pisa o trigo” (I Co 9:9 / I Tm 5:18)

“Encontrando o boi ou a ovelha extraviada de teu irmão, não te furtarás a eles; restitui-los-ás, de imediato, a teu irmão” (Dt 22:1)

“Livra-me dos chifres do boi selvagem” (Sl 22:21)

“Não cobiçarás a casa de teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi nem o seu jumento, nem coisa alguma de teu próximo” (Dt 5:21 / Ex 20:17)

“É Deus que os vem tirando do Egito, as suas forças são como a do boi selvagem” (Nm 23:22 / Nm 24:8)

“Ele tem a glória do primogênito do seu boi e as suas pontas são pontas de unicórnio; com elas ferirá os povos juntamente até as extremidades da terra” (Dt 33:17)

AS LENDAS SOBRE A ORIGEM DO ZODÍACO CHINÊS

Entenda como foram escolhidos os doze animais astrológicos da cultura chinesa

Em 2020 comemorou-se o Ano do Rato, um dos doze animais que compõem o zodíaco chinês. Cada um deles rege um ano lunisolar de forma cíclica. Além disso, os animais também podem influenciar meses, horas e a personalidade das pessoas que nascem sob sua regência. Essas características são semelhantes ao horóscopo conhecido pelos ocidentais. Descubra nesta matéria como foram definidos cada animal astrológico da cultura chinesa!

Como funciona o calendário chinês?

Uma das antigas lendas conta que o Imperador de Jade anunciou uma corrida de animais até o seu palácio. Para isso, todos eles precisavam atravessar um caudaloso rio. Sabendo que não conseguiria nadar, o rato pediu ao boi que o carregasse em suas costas. O gentil bovino estava na dianteira junto com o pequeno roedor. Atrás deles corriam o tigre, o coelho, o dragão, a cobra, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo, o cachorro e o porco. Perto da linha de chegada, o esperto rato pulou na frente de todos os outros animais e garantiu o primeiro lugar. O Imperador de Jade ficou contente com o grupo e presenteou cada um com um lugar no zodíaco.

Outra versão diz que Buda convidou todos os animais para uma festa e prometeu uma surpresa a cada um. Somente doze compareceram: o rato, o boi, o tigre, o coelho, o dragão, a cobra, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo, o cachorro e o porco. Buda presenteou cada animal com um ano. No fim da festa, todos fizeram um juramento solene de proteger as pessoas por um dia e uma noite, enquanto os outros praticariam o bem em silêncio. O rato iniciou seu trabalho no 1º dia da 7ª Lua e reiniciou no 13º dia, depois de todos os outros onze animais. Acredita-se que Buda conseguiu manter uma certa ordem e equilíbrio no nosso universo depois de compartilhar as tarefas entre os bichos.

BUDA CERCADO PELOS DOZE ANIMAIS DO ZODÍACO CHINÊS

Diferentemente do horóscopo ocidental, a versão chinesa possui ciclos de 60 anos em vez de 12. Isso acontece porque este sistema se associa a dois outros: o Wu Xing (Teoria dos Cinco Elementos) e o Yin Yang. A associação destes dois cria um ciclo de 10 anos. Quando os três sistemas se agrupam, criam 60 anos de diferentes combinações. Por exemplo, uma pessoa pode nascer sob a regência do macaco de metal-yang, enquanto outra pode ser regida pelo porco de fogo-yin.

Além do animal que rege o ano lunisolar de nascimento, um indivíduo pode ter também um “animal interno” baseado no mês em que nasceu, um “animal verdadeiro” associado à data, e um “animal secreto” que corresponde a hora.



200 ANOS DO PERSONAGEM



Em 1920, surgiu a 1ª adaptação do personagem Zorro para o cinema, tendo o diretor Fred Nible introduzido aventuras de capa e espada,

combinando, de forma pioneira ação e humor replicados até hoje.

O vento uiva por onde ele passa. Esguio, sutil, roupas leves que se mesclam com a escuridão. As sombras o envolvem como uma dama enquanto a luz da lua ilumina seu rosto.

Eis o Zorro, cujas aventuras são conhecidas por milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e sua marca inconfundível – Z – é reconhecida há cerca de um século.

No cinema, há 74 versões de filmes, inclusive um indiano. Foi interpretado e popularizado por atores famosos como Antonio Bandejas, Robert Livingston, Guy Williams, Alain Delon, Tyrone Power.

O enredo em torno dos heróis remonta as suas origens. Dom Diogo de La Vela é um “criollo” (filho de espanhóis nascido na América) que ao ver as injustiças sofridas pelo povo da região de Los Angeles por parte dos Dons (senhores de terras que escravizavam as pessoas) resolve agir e enfrentar tamanha tirania. Percebendo ser impossível encarar sozinho, de peito aberto, tais poderosos senhores, cria um personagem que à noite de máscara, capa preta e espada é o herói Zorro.

Época em que a Califórnia ainda pertencia ao México e a Coroa Espanhola ainda tinha o território como colônia.

Zorro, o herói de capa-espada pulando de teto em teto ou montado em seu cavalo Tornado, representa uma crítica social aos abusos praticados em todos os tempos contra minorias.

Seus textos e filmes são ainda uma aula de história sobre colonização e os modos de vida dos antigos proprietários rurais, representativos do feudalismo europeu, inseridos nos primeiros tempos da América.

Os direitos para TV foram vendidos na década de 1950 por Johnston McCulley, criador do personagem, sendo repassados a Walt Disney.

Zorro teve ainda novelas (adaptadas pela TV por Isabel Allende, célebre escritora chilena), animações, quadrinhos, versões musicais.

POLARIDADES DA PSIQUE

Tudo quanto existe é relativo, mutável. Tudo tem sua contraface, seu polo oposto ou princípio da polaridade. Assim o ser humano consciente e inconsciente. É qual uma montanha com seus lados, uma moeda com suas duas faces – algo complementar indissociável e aspectos diferentes - dúplices ou mesmo múltiplos – da mesma realidade. Certo e errado, luz e escuridão, positivo e negativo, que são aspectos variados do todo. Somente Deus é absoluto!

Para alcançarmos a integridade, temos à nossa frente o árduo processo de confrontar e conter os opostos. Expandir o nosso Eu, equilibrar a unilateralidade de nossa consciência e as profundezas de nossa inconsciência. Não é fácil o reconhecimento, a apreensão de nosso lado oculto. Preferimos projetá-lo ou redescobri-lo no outro, reagindo positiva ou negativamente. ante os fatos que nos surgem cotidianamente. Nossa aversão ou admiração pela atitude alheia, seja pessoal ou grupal, é sinal provável de nossa sombra, de buscarmos bani-la de nós mesmos, de nosso campo visual ou interno. Segundo Carl Jung, “o inconsciente só se torna perigoso quando a atenção consciente que lhe dermos é errada” Jung alertava ainda que a supervalorização de qualquer aspecto de nossa psique – e extensivamente de nossa existência – é altamente erosiva, levando a neuroses e psicoses. Não é fácil confrontar a parte escura de nossas personalidades – aí estão as nossas inferioridades, nossa natureza primitiva, atávica que reprimimos por força de nossas posições ou conveniências sociais, culturais, morais, religiosas. Ela, todavia, faz parte de nosso ego, de nossas potencialidades não desenvolvidas, de nossas características e valores - muitos deles, valiosos tesouros - que optamos por enterrar ou negligenciar.

Somos, na verdade, duplos. Temos uma persona sociável, agradável para uso diário e outra oculta, soturna, que buscamos mascarar. Raiva, inveja, maledicência, falsidade, egoísmo, rudeza, ressentimento, las-

cívia, tendências homicidas ou suicidas, um território inconsciente, inexplorado, que em psicologia denomina-se “sombra pessoal” Vivemos, somos envoltos desde a infância – repassado por pais, mestres, clérigos – por um ambiente complexo, onde forças em jogo determinam o eu e o não-eu, o que pode e o que não pode ser exposto. Um sistema que nos imuniza, isola-nos as emoções como agressividade, raiva, mesquinha, daquilo que é socialmente conveniente, aceitável. Os sentimentos e hábitos rejeitados são exilados para o reino da sombra, o lado escuro da natureza humana. Nem tudo aí, porém, é negativo. Nele estão nossa porção infantil, nossos talentos e dons não desenvolvidos, nossos apegos emocionais. “A sombra mantém contato com as profundezas perdidas da alma, com a vida e a vitalidade – o superior, o universalmente humano e mesmo o criativo podemos ser percebidos ali” (Liliane Frey-Rohn, analista junguiana)

O nosso encontro com o mundo oculto é uma experiência, em si, desafiadora, assustadora. Devemos ouvir seu chamado e que nos são alertas, desacelerar nosso ritmo de vida, romper velhos hábitos, observar as indicações de nosso corpo e de nosso ser, cultivar talentos adormecidos, nossas potencialidades aí soterradas.

Final, o lado escuro jamais deixa de se manifestar em nosso cotidiano. Ei-lo muitas vezes negativamente: nas piadas chulas ou satíricas que proferimos; em nossas críticas ou sensos de juízo sobre os outros; nas reprimendas e atos impulsivos, mesmo em nosso silêncio, enfim quando expomos sentimentos de raiva, vergonha, inveja, negação, quando não na violência verbal e/ou física explícitas. Aflora positivamente na verve artística, nas ações promotoras humanas, na valoração social, intelectual da personalidade. Antropólogos há que entendem que nossa agressividade é um aspecto de nossa ancestralidade, uma sombra biológica entranhada em nossas células e em nosso psiquismo, efeito(s) da milenar sobrevivência à custa da predação ou autodefesa.

RELAÇÃO ENTRE PESSIMISMO E DEMÊNCIA

Estudos científicos recentes realizados em centros médicos americanos e ingleses apontam que o pensamento negativo repetitivo e o pessimismo crônico têm íntima ligação com a demência, devendo serem considerados fatores de risco para a doença. Tomografias revelam que pessoas que passam grande parte do tempo pensando negativamente têm uma quantidade considerável de tau e beta amiloide (proteínas nocivas responsáveis pelo Mal de Alzheimer, que é o tipo mais comum de demência), memória ruim, maior declínio cognitivo em comparação com pessoas otimistas. Preocupações excessivas com o futuro, reflexões negativas sobre o passado levam à depressão e ansiedade, devendo ser controladas. “O pensamento negativo e repetitivo é considerado um fator de risco novo para a demência” (Dr^a Natalie Marchant, autora dos estudos na University College of London)).

Alguns traços de personalidade, em testes realizados com 524 adultos, revelam/detectam riscos de demência (risco cognitivo motor e síndrome de comprometimento cognitivo), envolvendo aspectos como neuroticismo, introversão/extroversão, conscientização, irritabilidade/afabilidade, honestidade/desonestidade. Pessoas otimistas tem menor probabilidade de desenvolver comprometimento cognitivo. “Nossos resultados facultam evidências de que os traços de personalidade desempenham um papel determinante no risco ou proteção contra síndromes específicas de pré-demência” (Dra. Emmeline Ayers, pesquisadora do Albert Einstein College of Medicine).

Por outro lado, pesquisas da University College London, sob coordenação do Dr. Tali Sharot, com o uso de scanner cerebral a partir dos lobos frontais, apontam que o cérebro felizmente é um bom processador das notícias, em especial para o futuro. Dr. Sharot elaborou um questionário sobre 80 tipos de acontecimentos ruins – tragédias, doenças graves, rupturas conjugais, desemprego etc. – convidando os participantes a pensar no assunto como um acontecimento atual e ainda futuro. Os otimistas foram a maioria



ao avaliar as probabilidades futuras. O otimismo, segundo Dr. Sharot, é bom para a saúde. Assim, outro estudo/acompanhamento com cerca de 100.000 mulheres apresentou sensíveis resultados – risco menor de doenças cardíacas e menor taxa de morte nas participantes otimistas.

Dicas para uma mente otimista e de sucesso:

1. Planejamento – metas;
2. Não procrastinar (não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje);
3. Pratique a positividade e o otimismo todos os dias;
4. Analise as pessoas ao seu redor (cerque-se sempre de pessoas em sintonia com os seus projetos, ideais e objetivos de vida);
5. Reveja seus hábitos – recicle/aprimore seus projetos, metas e atitudes.
6. Mantenha-se firme nos seus objetivos

(Fonte: Livro “O Segredo” – Rhonda Byrne)

RES PUBLICA

Na sua célebre carta ao Rei de Portugal, narrando a “descoberta” do Brasil, o escrivão-mór da Esquadra, Pero Vaz de Caminha, entre meio aos informes da viagem e as descrições da terra brasilis, roga a D. Manuel um emprego para um familiar. Tradição ibérica, a mania do emprego e empreguismo público, dos conchavos, das regalias, benesses da Corte, da impunidade, do foro privilegiado, da corrupção desabrada, enfim mordomias que, a qualquer custo, se perpetuam até os nossos dias. Dificilmente, porém – e duro é dizê-lo! – a sociedade e a nação conseguirão extirpar essa purulenta chaga, este carcinoma secular, tentacular que carcomem o Erário e oprimem nosso povo. Quem sabe, o juízo final dará um basta nisto!

Para sustentar as castas “aureoladas”, eternamente encasteladas nos palácios e repartições adjacentes, aplica-se uma política fácil: impostos, impostos e ... falácias. Tapeações. O brasileiro comum trabalha hoje cerca de cinco meses ao ano, segundo relatos do Instituto Brasileiro de Planejamento Estatístico, unicamente para alimentar o Estado ineficiente, improdutivo, burocrático, autoritário. A carga de impostos atinge o assombroso índice de 35%

do PIB, astronômica soma subtraída do povo, do suor de milhões de contribuintes, a troca de praticamente migalhas que retornam ao cidadão... Apagões na saúde, nos transportes, na educação, na segurança, enfim em todos os níveis da administração pública. Escândalos aos montes, autoridades prepotentes, julgando-se acima da lei e da civilidade, com o vasto dinheiro arrancado do povo, em especial das classes baixa e média, num bacanal onde cooptam-se legisladores, empreiteiros, lideranças políticas e classistas – afinal o poder e o ouro seduzem e cada comensal, pelo que se ouve, se vê e se lê, deve ter lá seu preço... A esse respeito, já nos alerta São Paulo: “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” (I Tm 6,10)

Historiadores pátrios, como Eduardo Bueno, fazem referências esclarecedoras quanto ao modus operandi da administração régia portuguesa, desde a época do descobrimento do Brasil, retroativa a Idade Média, em inoperância, em apadrinhamentos, utilização do público em benefício de poucos privilegiados, em ganância e cinismo... Segundo o mesmo Eduardo Bueno, os impostos em Portugal incidiam sempre e unilateralmente sobre o povo. A “gente honrada” – leia-se nobres e fidalgos – tinha regime especial de justiça e tributação ou seja, era imune e isenta mediante legislação especial, vícios que chegaram aos dias atuais em todos os poderes constituídos. Obras públicas eram – e são – loteadas em vergonhosos

conluio e “caixinhas” entre empreiteiras, governantes, políticos e funcionários graduados naquilo que se denominava nos tempos de D. João III de “comércio aladroad”, hoje a chamada licitação dirigida, superfaturamentos, fraudes de toda ordem que muito trabalho dão às competentes Polícias Federal, ao denodado Ministério Público, Tribunais de Contas e Justiça em geral.

O referido Eduardo Bueno desmistifica – e até ironiza – em seus trabalhos (ver sua obra “Brasil, uma História”, ao lado de outras de sua brilhante lavra) o papel de “degredados e naufragos” (portugueses aqui deixados no início da colonização) e em especial dos “piratas do sertão”, bandeirantes rapinadores que deixaram, indubitavelmente, enxames de discípulos, “empresários” especializados e experts em desmatamentos, poluição, contrabando, minerações predatórias, sonegação, crimes de toda sorte contra a natureza, exploração de mão de obra, mensalões, rachadinhas, sem falarmos no governo e Estado, sanguessugas, especialistas maquiavélicos em “arrancar o couro” e o suor dos súditos, pouco produzindo ou retornando à nação... Outro ínclito historiador, José Murilo de Carvalho, em sua excepcional obra “A formação das almas – o imaginário da República no Brasil” nos delicia quanto à farsa do que foi a proclamação da República – na verdade, um reles golpe de Estado, processado à revelia da sociedade, um ato envergonhado, sub-reptício, usurpador, próprio da marginalia.

A República, mais do que o Império e a Colônia, tornou-se uma “mãe” ubérrima a amamentar políticos, altos servidores e oportunistas, não sendo surpresa chegarmos, até os dias correntes, com tantos escândalos, tamanha rapinagem do dinheiro público, porquanto a mentalidade é uma só: usufruir à larga, esbaldar-se nas tetas do Estado, refocilar-se! Tamanho e secular é o descrédito do Estado, utilizado para os fins mais medíocres, senão acintosos, que assim nos relata José Murilo de Carvalho: “O exemplo mais escandaloso da desmoralização da República (...) veio por meio

de um ministro do governo Campos Sales. Em 1900, o deputado Fausto Cardoso denunciou, na Câmara dos Deputados, o ministro da Fazenda Joaquim Murtinho por ser “um homem que mandara reproduzir nas notas do Tesouro, nos dinheiros do Estado como símbolo da República, o retrato de meretrizes”. Afirma, adiante, o nobre historiador: “A República quando não se representava pela abstração clássica ou romântica, só encontrava seu rosto na versão da mulher corrompida, era uma res publica, no sentido de que a prostituta era uma mulher pública” (op.cit p.88) Infere ainda o erudito historiador: “Em vez de mãe, a República é a ama-de-leite, a vaca leiteira que tem de alimentar políticos e funcionários que vivem dela e não para ela” (id. p. 88).

Ah, se soubéssemos – digamos 10% - do que se passou e se passa nos conchavos dos gabinetes, nas decisões oficiais, nos sussurros das alcovas e labirintos palacianos, nas negociatas dos “donos” e gigolôs próximos ao poder, tantas as atrocidades e barbaridades cometidas contra o sofrido povo pátrio, não só ficaríamos estarecidos, seríamos fulminados por tantos horrores... Sodoma, Gomorra, Babilônia são fichinhas, aprendizes diante de tanta decadência e devassidão com o dinheiro público!

DIVULGAÇÃO/ [HTTPS://ALVARODIAS.COM.BR/](https://alvarodias.com.br/)



A ARTE DE OUVIR

O sábio Saadi de Shiraz caminhava por uma rua com seu discípulo, quando viu um homem tentando fazer com que sua mula andasse. Como o animal se recusasse a sair do lugar, o homem começou a insultá-lo com as piores palavras que conhecia.

- Não sejas tolo – disse Saadi de Shiraz. O asno jamais aprenderá tua linguagem. O melhor será que te acalmes e aprendas a linguagem dele.

E, afastando-se, comentou com o seu discípulo:

- Antes de entrar numa briga com um asno, pensa bem na cena que acabaste de ver.

PROJETO “MINAS + VERTENTES” DESENVOLVIDO PELO SICOOB CREDIVERTENTES GANHA REPERCUSSÃO

O projeto “Minas + Vertentes” patrocinado pelo SICOOB CREDIVERTENTES foi indicado ao prêmio José Costa 2020, iniciativa do Jornal “Diário do Comércio” e Fundação Dom Cabral, além de registros pela imprensa como o da revista.

O projeto de alta repercussão sócioambiental em parceria com órgãos técnicos e produtores rurais, sob a supervisão do engenheiro agrônomo Dr. Murton Moreira, objetiva a conservação de nossos mananciais, desenvolvendo iniciativas como o cercamento de nascentes em dezenas de propriedades de nosso meio.

Somos uma região produtora de águas (daí a nossa denominação Vertentes) aqui fluindo dezenas de mananciais formadores de importantes bacias hidrográficas do País, como a do São Francisco, Rio Grande, Rio Doce, etc.

A água é um recurso natural insubstituível, de valor social, econômico, estratégico indispensáveis a todas as atividades humanas e biológicas e como tal necessita ser preservado, valorizado.

O propósito do SICOOB CREDIVERTENTES como instituição cooperativista, sobremaneira voltada para a sustentabilidade e o bem estar social pleno é o de proteger as nascentes de nossa região tão valiosas, vitais e de inestimável importância para todos.

As estratégias de cercamento de nascentes englobam igualmente pontos básicos de contenção e controle de erosão, minimização da contaminação biológica e química, política de reflorestamento (mata ciliar e renques de vegetação permanente), proteção da superfície do solo, retenção e inibição de pastoreio e acesso de animais de grande porte ou de agentes externos que lesionam o equilíbrio do bioma (mananciais).

Projeto que também busca conscientizar associados produtores rurais e comunidades onde atua a cooperativa quanto à importância da qualidade e quantidade da água utilizada, seu uso racional e a necessária preservação de nascentes.

Um programa alvissareiro, inovador de exercício da cidadania, de produção de mais água abastecendo nossos rios, chegando às nossas torneiras, valorizando nossas propriedades, gerando equilíbrio ambiental.



Minas + Vertentes

As nascentes são, em suma, o elo entre o subterrâneo, (lençóis freáticos) e a superfície, primando serem recursos vitais para nossas propriedades, para o abastecimento humano – rural e urbano – e seu cercamento fortalece o ciclo hidrológico, regula o clima ambiente, contribui para o desenvolvimento das atividades agrícolas, industriais, de lazer, proteção da fauna, as matas e da vida aquática em geral.

*“Somente a participação cidadã pode transformar a sociedade”
– (Herbert de Souza – Betinho).*

O TEMPO E AS JABUTICABAS

Rubem Alves

Contei meus anos e
descobri que terei menos tempo para viver
daqui para frente do que já vivi até agora.
Tenho mais passado do que futuro...
Sinto-me como aquele menino
que ganhou uma bacia de jabuticabas...
As primeiras, ele chupou displicente...
mas percebendo que faltam poucas,
rói o caroço...
Já não tenho tempo
para lidar com mediocridades...
Não quero estar em reuniões
onde desfilam egos inflados.
Inquieto-me com invejosos
tentando destruir quem eles admiram,
cobiçando seus lugares, talentos e sorte.
Já não tenho tempo
para conversas intermináveis...
Já não tenho tempo para administrar
melindres de pessoas que,

apesar da idade cronológica,
são imaturas...
Detesto fazer acareação de desafetos
que brigaram pelo majestoso
cargo de secretário geral do coral...
As pessoas não debatem conteúdos...
apenas os rótulos...
Meu tempo tornou-se escasso para debater rótulos...
quero a essência...
minha alma tem pressa...
Sem muitas jabuticabas na bacia,
quero viver ao lado de gente humana, muito humana;
que sabe rir de seus tropeços...
não se encanta com triunfos...
não se considera eleita antes da hora...
não foge de sua mortalidade...
Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade...
O essencial faz a vida valer a pena...
e para mim
basta o essencial...